



Palestras em Adyar, Índia

A Arte de Escutar

Palestra - 29 de dezembro, 1933

O Senhor Warrington, o Presidente Interino da Sociedade Teosófica, amavelmente me convidou a vir a Adyar e dar algumas palestras aqui. Estou muito satisfeito de ter aceitado o seu convite e aprecio a sua amizade, que espero continuará, muito embora possamos divergir completamente nas nossas idéias e opiniões.

Espero que todos ouçam as minhas palestras sem preconceito, e não pensem que estou a tentar atacar a vossa sociedade. Quero fazer outra coisa muito diferente. Quero estimular o desejo da verdadeira busca, e isto, penso eu, é tudo o que um professor pode fazer. É tudo o que quero fazer. Se eu puder despertar esse desejo em vocês, terei cumprido a minha tarefa, porque desse desejo chega a inteligência, aquela inteligência que está livre de qualquer sistema e de qualquer crença organizada. Esta inteligência está para além de qualquer pensamento de compromisso e falso ajustamento. Portanto durante estas palestras, aqueles de entre vocês que pertençam às várias sociedades ou grupos, por favor tenham em mente que estou muito grato à Sociedade Teosófica e ao seu Presidente Interino por me terem pedido para vir aqui falar, e que não estou a atacar a Sociedade Teosófica. Não estou interessado em atacar. Mas afirmo que embora as organizações para o bem-estar social do homem sejam necessárias, as sociedades baseadas em esperanças e crenças religiosas são perniciosas. Portanto, ainda que possa parecer que falo de modo áspero, por favor lembrem-se que não estou a atacar qualquer sociedade em particular, mas que estou contra todas estas falsas organizações que, embora professem ajudar o homem, são na realidade um grande obstáculo e são um meio de exploração constante.

Quando a mente está cheia de crenças, idéias, e conclusões definitivas a que chama conhecimento e que se torna sagrado, então o movimento infinito do pensamento cessa. É o que está a acontecer à maioria das mentes. Aquilo a que chamamos conhecimento é apenas acumulação; impede o livre movimento do pensamento, no entanto mantemo-nos fiéis a ele e adoramos esse pretensão conhecimento. Assim a mente fica enredada, emaranhada nele. É somente quando a mente é libertada de toda esta acumulação, das crenças, dos ideais, dos princípios, das memórias, que existe o pensamento criativo. Não podem pôr de parte cegamente a acumulação; só podem ficar livres dela quando a compreenderem. Então há pensamento criativo; então há movimento eterno. A mente já não está separada da ação.

Ora as crenças, os ideais, as virtudes, e as idéias santificadas que perseguem, e às quais chamam conhecimento, impedem o pensamento criativo e põem assim termo ao amadurecimento do pensamento. Porque pensamento não significa o seguimento de um canal específico de idéias, hábitos e tradições estabelecidos. O pensamento é crítico; é uma coisa à parte do conhecimento herdado ou adquirido. Quando apenas aceitam idéias, tradições, não estão a pensar, e há uma lenta estagnação. Vocês dizem-me, "Temos crenças, temos tradições, temos princípios; não estarão carretos? Devemos livrar-nos deles?" Não vou dizer que devem livrar-se deles ou que não devem. De fato, é precisamente a vossa prontidão em aceitar a idéia de que devem ou não se livrar destas crenças

e tradições que os impede de pensar; estão já num estado de aceitação, e por conseguinte não têm a capacidade de ser crítico.

Estou a falar com indivíduos, não com organizações ou grupos de indivíduos. Falo-lhes como indivíduos, não para um grupo de pessoas possuindo certas crenças. Se a minha palestra tiver algum valor para vocês, tentem pensar por si mesmos, não com a consciência de grupo. Não pensem com os princípios com os quais já se comprometeram, porque eles são apenas formas subtis de conforto. Dizem, "Pertencço a uma certa sociedade, a um certo grupo. Fiz certas promessas a esse grupo e aceitei dele certos benefícios. Como posso pensar separadamente destas condições e promessas? Que devo fazer?" Eu digo, não pensem em termos de compromissos, porque eles impedem-nos de pensar criativamente. Onde existe a mera aceitação não pode haver pensamento criativo, livre e fluente que por si só é inteligência suprema, que por si só é felicidade. O pretenso conhecimento que adoramos, que nos empenhamos em obter lendo livros, impede o pensamento criativo.

Mas porque eu digo que tal conhecimento e que tal leitura impedem o pensamento criativo, não se voltem imediatamente para o oposto. Não digam: "Não devemos ler de todo?" Estou a falar destas coisas porque lhes quero mostrar o seu significado inerente; não os quero impelir para o oposto.

Agora, se a vossa atitude for uma de aceitação, vivem com medo da crítica, e quando surge a dúvida, como tem que surgir, vocês cuidadosa e diligentemente destroem-na. Contudo é somente através da dúvida, através da crítica, que se podem realizar; e o objetivo da vida é realizar, não acumular, não alcançar, como presentemente explicarei. A vida é um processo de busca, não de buscar um fim específico, mas de libertar a energia criativa, a inteligência criativa do homem; é um processo de movimento eterno, livre de crenças, de conjuntos de idéias, de dogmas, ou do pretenso conhecimento.

Portanto quando falo de crítica, por favor não sejam partidários. Eu não pertencço às vossas sociedades; não detenho as vossas opiniões e ideais. Estamos aqui para examinar, não para tomar partido. Por isso por favor acompanhem o que vou dizer com espírito aberto, e tomem partido – se tiverem que tomar partido – após estas palestras estarem concluídas. Porque tomam partido? Pertencer a um grupo específico transmite-lhes uma idéia de conforto, de segurança. Pensam que porque detêm certas idéias ou princípios, desse modo amadurecerão. Mas no presente, tentem não tomar partido. Tentem não ser influenciados pelo grupo específico a que agora pertencem, e não tentem também tomar o meu partido. Tudo o que têm a fazer durante estas palestras é examinar, ser críticos, duvidar, descobrir, procurar, aprofundar os problemas á vossa frente.

Vocês estão habituados à oposição, não à crítica. (Quando digo "vocês", por favor não pensem que estou a falar com uma atitude de superioridade.) Dizia que não estão habituados à crítica, e através desta falta de crítica esperam desenvolver-se espiritualmente. Pensam que através desta destruição da dúvida, livrando-se da dúvida, avançarão, porque ela foi colocada perante vocês como um das qualidades necessárias para o progresso espiritual; e são desse modo explorados. Mas na vossa cuidadosa destruição da dúvida, no fato de terem posto de parte a crítica, apenas desenvolveram oposição. Vocês dizem, "As escrituras são a minha autoridade para isto", ou "Os professores disseram isso",

ou “Eu li isto.” Por outras palavras, mantêm-se fiéis a certas crenças, a certos dogmas, a certos princípios com os quais se opõem a qualquer situação nova e contraditória, e imaginam que estão a pensar, que são críticos, criativos. A vossa posição é como a de um partido político que age apenas em oposição. Se forem verdadeiramente críticos, criativos, jamais simplesmente se oporão; estarão então preocupados com realidades. Mas se a vossa atitude for apenas uma de oposição, então a vossa mente não se encontrará com a minha; então não compreenderão o que estou a tentar transmitir.

Portanto quando a mente está habituada à oposição, quando foi cuidadosamente treinada, através da suposta educação, através da tradição e da crença, através de sistemas religiosos e filosóficos, para adquirir esta atitude de oposição, ela naturalmente não tem a capacidade de criticar e de duvidar verdadeiramente. Mas se me quiserem compreender, esta é a primeira coisa que devem ter. Por favor não fechem as vossas mentes àquilo que estou a dizer. A crítica verdadeira é o desejo de descobrir. A faculdade de criticar só existe quando querem descobrir o valor inerente de uma coisa. Mas vocês não estão habituados a isso. As vossas mentes são inteligentemente treinadas para atribuir valores, mas por esse processo nunca compreenderão o significado inerente de uma coisa, de uma experiência, ou de uma idéia.

Para mim, portanto, a verdadeira crítica consiste em tentar descobrir o valor intrínseco da coisa em si, e não em atribuir uma qualidade a essa coisa. Vocês atribuem uma qualidade a um meio, a uma experiência, somente quando querem obter algo deles, quando querem ganhar ou ter poder ou felicidade. Ora isto destrói a verdadeira crítica. O vosso desejo é pervertido através da atribuição de valores, e por conseguinte não podem ver claramente. Em vez de tentar ver a flor na sua beleza original e completa, vocês olham para ela através de vidros coloridos, e por isso nunca a podem ver como ela é.

Se quiserem viver, desfrutar, apreciar a imensidade da vida, se realmente a querem compreender, não apenas repetir, como um papagaio, o que lhes foi ensinado, o que lhes foi repetido inúmeras vezes, então a vossa primeira tarefa é retirar as perversões que os enredam. E garanto-lhes que esta é uma das tarefas mais difíceis, porque estas perversões fazem parte da vossa formação, fazem parte da vossa educação em crianças, e é muito difícil desligarem-se delas.

A atitude crítica requer ausência da idéia de oposição. Por exemplo, vocês dizem-me, “Nós acreditamos em Mestres; você não. O que tem a dizer a isto?” Ora essa não é uma atitude crítica; é, mas por favor não pensam que estou a falar rudemente, uma atitude infantil. Estamos a discutir se certas idéias são em si fundamentalmente verdadeiras, não se ganharam algo com essas idéias; porque o que ganharam podem ser apenas perversões, preconceitos.

O meu objetivo durante esta série de palestras é despertar a vossa própria capacidade crítica, para que os professores se tornem desnecessários para vocês, para que não sintam a necessidade de conferências, de sermões, para que compreendam por vocês próprios o que é verdade e vivam completamente. O mundo será um lugar mais feliz quando não houver mais professores, quando um homem já não sentir que tem que pregar ao seu próximo. Mas esse estado só pode acontecer quando vocês, como indivíduos, estiverem realmente despertos, quando duvidarem enormemente, quando tiverem verdadeiramente

começado a questionar no meio do sofrimento. Então deixam de sofrer. Sufocaram as vossas mentes com explicações, com conhecimento; endureceram os vossos corações. Não estão interessados no sentimento, mas sim nas crenças, nas idéias, na santidade do pretenso conhecimento, e por isso estão famintos; já não são seres humanos, mas meras máquinas.

Vejo que abanam as cabeças. Se não concordam comigo, façam-me perguntas amanhã. Escrevam as vossas perguntas e entreguem-nas, e eu responderei. Mas esta manhã vou falar, e espero que acompanhem o que tenho para dizer.

Não há lugar de descanso na vida. O pensamento não pode ter lugar de descanso. Mas vocês estão à procura desse tal lugar de descanso. Nas vossas várias crenças, religiões, procuraram esse lugar de descanso, e nesta procura deixaram de ser críticos, de fluir com a vida, de desfrutar, de viver amplamente.

Conforme disse, a verdadeira procura – que é diferente da procura de um objetivo, ou da procura de ajuda, ou da perseguição de ganho – a verdadeira procura resulta na compreensão do valor intrínseco da experiência. A verdadeira procura é um rio que se move veloz, e neste movimento há compreensão, um eterno devir. Mas a procura de orientação resulta apenas num alívio temporário, que significa a multiplicação de problemas e um aumento das suas soluções. Ora o que é que procuram? Qual destas é que querem? Querem procurar, descobrir, ou querem encontrar ajuda, orientação? A maioria de vocês quer ajuda, alívio temporário do sofrimento; querem curar os sintomas mais do que encontrar a causa do sofrimento. “Estou a sofrer”, dizem vocês, “dê-me um método que me liberte do sofrimento.” Ou dizem, “O mundo está numa situação caótica. Dêem-nos um sistema que resolva os seus problemas, que produza ordem.”

Assim, a maior parte de vocês procuram alívio temporário, refúgio temporário, e contudo chamam a isso a procura da verdade. Quando falam de serviço, de compreensão, de sabedoria, estão a pensar apenas em termos de conforto. Enquanto apenas quiserem aliviar o conflito, a luta, o desentendimento, o caos, o sofrimento, são como um médico que lida apenas com os sintomas da doença. Enquanto estiverem apenas interessados em encontrar conforto, não estão realmente à procura.

Agora vamos ser bastante francos. Podem ir longe se forem realmente francos. Vamos admitir que tudo o que estão a procurar é segurança, alívio; estão a procurar segurança da mudança constante, alívio da dor. Porque são insuficientes dizem, “Por favor dê-me suficiência.” Portanto aquilo a que chamam procura da verdade é realmente uma tentativa para encontrar alívio da dor, o que nada tem a ver com a realidade. Em coisas que tais somos como crianças. Em tempo de perigo corremos para a nossa mãe, sendo essa mãe a crença, o guru, a religião, a tradição, o hábito. Aqui nos refugiamos, e por isso as nossas vidas são vidas de imitação constante, sempre sem um momento de valiosa compreensão.

Depois podem concordar com as minhas palavras, dizendo, “Tem toda a razão; não procuramos a verdade, mas alívio, e esse alívio é satisfatório de momento.” Se estão satisfeitos com isto, nada mais há a dizer. Se tiverem essa atitude, o melhor é não dizer mais nada. Mas, graças a Deus! Nem todos os seres humanos têm essa atitude. Nem todos alcançaram o estado de estar satisfeitos com as

suas próprias pequenas experiências a que chamam conhecimento, e que é estagnação.

Ora quando dizem, "Estou à procura", dão a entender que estão à procura do desconhecido. Desejam o desconhecido, e esse é o objeto da vossa busca. Porque o conhecido é para vocês aterrador, insatisfatório, inútil, carregado de dor, querem descobrir o desconhecido, e por isso inquirem, "O que é a verdade? O que é Deus?". Daqui surge a pergunta, "Quem me ajuda a alcançar a verdade?" Precisamente nessa tentativa de encontrar a verdade ou Deus criam gurus, professores, que se tornam os vossos exploradores.

Por favor não se ofendam com as minhas palavras, não fiquem com idéias preconcebidas contra o que estou a dizer, e não pensem que faço isto por não ter nada melhor para fazer. Estou apenas a mostrar-lhes a causa de serem explorados, que é a vossa procura de uma meta, de um fim; e quando compreenderem a falsidade da causa, essa compreensão liberta-los-á. Não lhes estou a pedir que sigam os meus ensinamentos, porque se desejarem compreender a verdade devem permanecer completamente sozinhos.

Qual é uma das coisas mais importantes em que estão interessados na vossa procura do desconhecido? "Diga-me o que está no outro lado", dizem vocês, "diga-me o que acontece a uma pessoa depois da morte." À resposta a tais perguntas vocês chamam conhecimento. Portanto quando se interrogam sobre o desconhecido, encontram uma pessoa que lhes oferece uma explicação satisfatória sobre isso, e refugiam-se nessa pessoa ou na idéia que ela lhes dá. Por esse motivo essa pessoa ou essa idéia tornam-se o vosso explorador, e vocês próprios são responsáveis por essa exploração, não o homem ou a idéia que os explora. De tal interrogação sobre o desconhecido nasce a idéia de um guru que os conduzirá à verdade. De tal interrogação chega a confusão sobre o que é a verdade, porque, na vossa procura do desconhecido, cada professor, cada guia, oferece-lhes uma explicação sobre o que é a verdade, e essa explicação naturalmente depende dos seus próprios preconceitos e idéias; mas através desse ensinamento vocês esperam aprender o que é a verdade. A vossa procura do desconhecido é apenas uma fuga. Quando conhecerem a causa real, quando compreenderem o conhecido, não se interrogarão sobre o desconhecido.

A procura da verdade e a diversidade de idéias sobre a verdade não produzirá compreensão. Vocês dizem para si próprios, "Vou ouvir este professor, depois ouvirei outra pessoa, depois outra; e aprenderei de cada um os vários aspectos da verdade." Mas por este processo nunca compreenderão. Tudo o que fazem é fugir; tentam encontrar aquilo que lhes dê maior satisfação, e àquele que lhes der mais aprecia-lo-ão como o vosso guru, como o vosso ideal, como a vossa meta. Portanto a vossa procura da verdade terminou.

Agora não pensem que o fato de eu lhes mostrar a futilidade desta procura é apenas engenho da minha parte: estou a explicar-lhes a razão da exploração que está a ocorrer em todo o mundo em nome da religião, em nome do governo, em nome da verdade.

O desconhecido não lhes diz respeito. Tenham cuidado com o homem que lhes descreve o desconhecido, a verdade, ou Deus. Tal descrição do desconhecido oferece-lhes um meio de fuga – e além disso, a verdade desafia qualquer

descrição. Nessa fuga não há compreensão, não há realização. Na fuga só existe rotina e decadência. A verdade não pode ser explicada nem descrita. Ela é. Afirmo que existe uma beleza que não pode ser posta em palavras; se o fosse, seria destruída; então já não seria a verdade. Mas vocês não podem conhecer esta beleza, esta verdade, perguntando sobre ela; só a podem conhecer quando tiverem compreendido o conhecido, quando tiverem alcançado o significado total disso que está perante vocês.

Portanto estão constantemente a procurar fugas, e dignificam estas tentativas de fuga com variados nomes espirituais, com palavras altamente e imponentemente sonantes; estas fugas satisfazem-nos temporariamente, isto é, até que a próxima tempestade de sofrimento chegue e arrase o vosso refúgio.

Vamos por agora pôr de lado este desconhecido, e preocupar-nos com o conhecido. Ponham de lado, por agora, as vossas crenças, a vossa escravidão das tradições, a vossa dependência no vosso Bhagavad Gita, nas vossas escrituras, nos vossos Mestres. Não estou a atacar as vossas crenças favoritas, as vossas sociedades favoritas; estou a dizer-lhes que se quiserem compreender a verdade do que digo, têm que tentar escutar sem idéias preconcebidas.

Através dos nossos variados sistemas de educação – que podem ser a formação universitária, ou o seguimento de um guru, ou a dependência no passado na forma de tradição e de hábito, que cria a incompletude do presente – através destes sistemas de educação temos sido encorajados a obter, a adorar o sucesso. Todo o nosso sistema de pensamento, bem como toda a nossa estrutura social, está baseada na idéia de obtenção. Olhamos para o passado porque não podemos compreender o presente. Para compreender o presente, que é experiência, a mente tem que estar aliviada das tradições e dos hábitos passados. Enquanto o peso do passado nos dominar, não podemos compreender, não podemos colher integralmente o perfume de uma experiência. Portanto tem que haver incompletude enquanto houver a procura de obtenção. Que todo o nosso sistema de pensamento está baseado na obtenção não é uma mera suposição hipotética da minha parte; é um fato. E a idéia central da nossa estrutura social é também uma de obtenção, de consecução, de sucesso.

Mas porque eu disse que a vossa procura desta idéia de obtenção não resultará no viver completo, não pensem por isso em termos de oposto. Não digam, “Não devemos procurar? Não devemos obter? Não devemos ter sucesso?” Isto demonstra pensamento limitado. O que quero que façam é questionar a idéia de obtenção. Conforme disse, toda a estrutura social, econômica, e pseudo-espiritual do nosso mundo está baseada nesta idéia central de lucro: lucro da experiência, lucro da vida, lucro dos professores. E desta idéia de lucro gradualmente cultivam em si próprios a idéia de medo, porque na vossa procura de lucro estão sempre com medo da perda. Portanto, tendo este medo da perda, este medo de perder uma oportunidade, criam o explorador, seja ele o homem que os guia moralmente, espiritualmente, ou uma idéia à qual se apegam. Têm medo e querem coragem; por isso a coragem se torna no vosso explorador. Uma idéia torna-se o vosso explorador.

A vossa tentativa de consecução, de lucro, é apenas uma fuga, uma fuga da insegurança. Quando falam de ganho estão a pensar em segurança; e após estabelecerem a idéia de segurança, querem encontrar um método de obter e

manter essa segurança. Não é assim? Se tiverem em consideração a vossa vida, se a examinarem criticamente, descobrirão que ela se baseia no medo. Estão sempre a cuidar de ganhar; e depois de procurarem e encontrarem as vossas seguranças, após constituí-las como os vossos ideais, voltam-se para alguém que lhes oferece um método, um plano, para alcançar e proteger os vossos ideais. Por isso dizem, "Para alcançar essa segurança, tenho que me comportar de uma certa maneira; tenho de procurar a virtude, tenho que servir e obedecer, tenho que seguir gurus, professores e sistemas; tenho que estudar e praticar para obter o que quero." Por outras palavras, uma vez que o vosso desejo é segurança, encontram exploradores que os ajudarão a obter o que querem. Portanto vocês, como indivíduos, constituem religiões para servir de seguranças, para servir de padrões para a conduta convencional; devido ao medo da perda, o medo de perder algo que querem, aceitam guias ou idéias como os que as religiões oferecem.

Ora tendo constituído os vossos ideais religiosos, que são na verdade as vossas seguranças, têm que ter modos de conduta, práticas, cerimoniais e crenças específicas, para alcançar esses ideais. Ao tentar levá-los a cabo, aí surge a divisão no pensamento religioso, resultando em cisões, seitas, credos. Vocês têm as vossas crenças, e outros têm as deles; vocês mantêm-se fiéis à vossa forma específica de religião e outros à deles; vocês são Cristãos, outros são Muçulmanos, e outros ainda Hindus. Têm estas distinções religiosas, mas contudo falam de amor fraternal, tolerância e unidade – não que tenha que haver uniformidade de pensamento e idéias. A tolerância de que falam é apenas uma invenção engenhosa da mente; esta tolerância apenas indica o desejo de se apegarem às vossas próprias idiossincrasias, às vossas próprias idéias limitadas e preconceitos, e de permitirem que os outros procurem as deles. Nesta tolerância não há diversidade inteligente, mas somente uma espécie de indiferença superior. Existe absoluta falsidade nesta tolerância. Dizem, "Vocês continuem no vosso caminho, e eu continuarei no meu; mas sejamos tolerantes, fraternais." Quando houver verdadeira fraternidade, amizade, quando houver amor no vosso coração, então não falarão de tolerância. Somente quando se sentem superiores na vossa certeza, na vossa posição, no vosso conhecimento, somente então falam de tolerância. São tolerantes somente quando há distinção. Com o cessar da distinção, não se falará de tolerância. Nessa altura não falarão de fraternidade, porque então nos vossos corações serão irmãos.

Portanto vocês, como indivíduos, constituem várias religiões que atuam como a vossa segurança. Nenhum professor constituiu estas religiões organizadas, exploradoras. Vocês próprios, a partir da vossa insegurança, a partir da vossa confusão, a partir da vossa falta de compreensão, criaram as religiões como vossos guias. Depois, após terem constituído religiões, procuram gurus, professores; procuram Mestres que os ajudem.

Não pensem que estou a tentar atacar a vossa crença favorita; estou simplesmente a constatar fatos, não para que os aceitem, mas para que os examinem, os critiquem e os verifiquem.

Vocês têm o vosso Mestre, e outros têm o seu guia particular; vocês têm o vosso salvador e outros têm o deles. De tal divisão de pensamento e crença cresce a contradição e o conflito dos méritos dos vários sistemas. Estas disputas colocam o homem contra o homem; mas uma vez que intelectualizamos a vida, já não

lutamos abertamente: tentamos ser tolerantes. Por favor pensem no que estou a dizer. Não aceitem ou rejeitem as minhas palavras simplesmente. Para examinar imparcialmente, criticamente, têm que pôr de lado os vossos preconceitos e idiosincrasias, e abordar a questão abertamente.

Em todo o mundo, as religiões mantiveram os homens separados. Individualmente cada um procura a sua própria pequena segurança e está interessado no seu próprio progresso; individualmente cada um deseja crescer, expandir-se, ser bem sucedido, alcançar, e portanto aceita qualquer professor que se ofereça para o ajudar na direção do seu avanço e crescimento. Como resultado desta atitude de aceitação, a crítica e o verdadeiro questionamento cessaram. Implantou-se a estagnação. Se bem que se movam ao longo de um estreito sulco de pensamento e de vida, já não há pensamento verdadeiro, já não há o viver completo, mas somente uma reação defensiva. Enquanto a religião manter os homens separados não pode haver fraternidade, assim como não pode haver fraternidade enquanto houver nacionalidade, que sempre terá que causar conflito entre os homens.

A religião com as suas crenças, as suas disciplinas, os seus engodos, as suas esperanças, os seus castigos, força-os em direção ao comportamento correto, à fraternidade, ao amor. E uma vez que são forçados, ou obedecem à autoridade externa que ela estabelece, ou – que é a mesma coisa – começam a desenvolver a vossa própria autoridade interna como uma reação contra a externa, e seguem-na. Onde existe crença, onde existe a perseguição de um ideal, não pode existir um viver completo. A crença indica a incapacidade de compreender o presente.

Agora não se voltem para o oposto e não digam, “Não devemos ter crenças? Não devemos ter quaisquer ideais?” Estou simplesmente a mostrar-lhes a causa e a natureza da crença. Porque não podem compreender o movimento imediato da vida, porque não podem colher o significado da sua veloz fluidez, pensam que a crença é necessária. Na vossa dependência na tradição, nos ideais, nas crenças ou nos Mestres, não estão a viver no presente, que é eterno.

Muitos de vocês podem pensar que o que estou a dizer é muito negativo. Não o é, porque quando realmente virem o falso, então compreendem o verdadeiro. Tudo o que estou a tentar fazer é mostrar-lhes o falso, para que possam encontrar o verdadeiro. Isto não é uma negação. Pelo contrário, este despertar da inteligência criativa é a única ajuda positiva que lhes posso dar. Mas podem pensar que isto não é positivo; provavelmente só me chamariam positivo se lhes desse uma disciplina, um curso de ação, um novo sistema de pensamento. Mas não podemos avançar mais nisto hoje. Se colocarem questões sobre isto amanhã ou nos próximos dias, tentarei respondê-las. Os indivíduos criaram a sociedade agrupando-se com objetivos de obtenção, mas isto não ocasiona a verdadeira unidade. Esta sociedade torna-se a sua prisão, o seu molde, e contudo cada indivíduo que ser livre para crescer, para ser bem sucedido. Assim cada um torna-se um explorador da sociedade e é, por sua vez, explorado pela sociedade. A sociedade torna-se o cume dos seus desejos, e o governo o instrumento para levar a cabo esse desejo conferindo honras aos que têm o maior poder de possuir, de ganhar. A mesma atitude estúpida existe na religião: a autoridade religiosa considera o homem que se conformou inteiramente aos seus dogmas e crenças uma pessoa verdadeiramente espiritual. Confere honra ao homem que

possui a virtude. Assim, no nosso desejo de possuir – e novamente não estou a falar em termos de opostos, mas antes, a examinar precisamente a coisa que causa o desejo de posse – na nossa procura de posse, criamos uma sociedade da qual inconscientemente nos tornamos escravos. Tornamo-nos peças de engrenagem nessa máquina social, aceitando todos os seus valores, as suas tradições, as suas esperanças e anseios, e as suas idéias estabelecidas, porque nós criamos a sociedade, e ela ajuda-nos a obter o que queremos. Assim a ordem estabelecida seja do governo ou da religião põe fim ao questionamento, à procura, à dúvida. Por isso, quanto mais nos unirmos nas nossas várias posses, mais tendência temos para nos tornarmos nacionalistas.

Afinal, o que é uma nação? É um grupo de indivíduos que vivem em conjunto com o objetivo da conveniência econômica e autoproteção, e explorando unidades similares. Não sou economista, mas este é um fato óbvio. Deste espírito de aquisitividade surge a idéia de “a minha família”, “a minha casa”, “o meu país”. Enquanto existir esta possessividade não pode existir verdadeira fraternidade ou verdadeiro internacionalismo. As vossas fronteiras, as vossas alfândegas, as vossas barreiras alfandegárias, as vossas tradições, as vossas crenças, as vossas religiões estão a separar o homem do homem. O que se criou com esta mentalidade de lucro, de separatividade, proteção, segurança? Nacionalidades; e onde existe nacionalismo tem que haver guerra. É a função das nações prepararem-se para as guerras, caso contrário não podem ser verdadeiras nações.

É isso o que está a acontecer em todo o mundo, e encontramos-nos à beira de outra guerra. Cada jornal encoraja o nacionalismo e o espírito de separatividade. O que tem sido dito em quase todos os países, na América, na Inglaterra, na Alemanha, na Itália? “Primeiro nós e a nossa segurança individual, e depois consideraremos o mundo.” Parecemos não compreender que estamos todos no mesmo barco. As pessoas já não podem ser separadas como o eram há alguns séculos atrás. Não devíamos pensar em termos de separação, mas insistimos em pensar nacionalisticamente ou com consciência de classe porque continuamos ligados às nossas posses, às nossas crenças. O nacionalismo é uma doença; não pode ocasionar a unidade do mundo ou a unidade humana. Não podemos alcançar a saúde através da doença; temos que nos libertar primeiramente da doença. A educação, a sociedade, a religião, ajudam a manter as nações separadas, porque cada uma individualmente procura crescer, lucrar, explorar.

Ora deste desejo de crescer, lucrar, explorar, criamos inumeráveis crenças – crenças relativas à vida após a morte, à reencarnação, à imortalidade – e encontramos pessoas que nos exploram através das nossas crenças. Por favor compreendam que ao dizer isto não me refiro a qualquer líder ou professor em particular; não estou a atacar nenhum dos vossos líderes. Atacar alguém é uma pura perda de tempo. Não estou interessado em atacar nenhum líder específico, tenho algo mais importante a fazer na vida. Quero agir como um espelho, explicar-lhes as perversões e desilusões que existem na sociedade, na religião.

Toda a nossa estrutura social e intelectual está baseada na idéia de lucro, de consecução; e quando a mente e o coração estão dominados pela idéia de ganho, não pode existir o verdadeiro viver, não pode existir o fluxo livre da vida. Não é assim? Se estão constantemente a contar com o futuro, com uma consecução, com uma obtenção, com uma esperança, como podem viver completamente no

presente? Como podem agir inteligentemente como um ser humano? Como podem pensar ou sentir na plenitude do presente quando estão sempre a vigiar cuidadosamente o futuro distante? Através da nossa religião, através da nossa educação, somos convertidos em nada, e tendo consciência desse nada, queremos ganhar, ser bem sucedidos. Assim procuramos constantemente professores, gurus, sistemas.

Se realmente compreendem isto, agirão; não o discutirão apenas intelectualmente.

Ao procurarem o ganho perdem de vista o presente. Na vossa procura de lucro, na vossa confiança no passado, não compreendem totalmente a experiência imediata. Essa experiência deixa uma cicatriz, uma memória que é a incompletude dessa experiência, e dessa incompletude crescente desenvolve-se a consciência do "eu", o ego. As vossas divisões do ego são apenas o refinamento superficial do egoísmo na sua procura de ganho. Intrinsecamente, nessa incompletude da experiência, nessa memória, têm o ego as suas raízes. Por muito que possa crescer, expandir-se, sempre preservará o centro do egoísmo. Assim, quando procuram lucro, sucesso, cada experiência aumenta a autoconsciência. Mas discutiremos isto noutra altura. Nesta palestra quero apresentar o máximo que possa do meu pensamento, para que durante as próximas palestras eu tenha tempo para responder às questões que possam colocar.

Quando a mente é apanhada no passado ou no futuro, não pode compreender o significado da experiência presente. Isto é óbvio. Quando estão a prestar atenção ao ganho, não podem compreender o presente. E uma vez que não compreendem o presente, que é experiência, ela deixa a sua cicatriz, a sua incompletude na mente. Não estão libertos dessa experiência. Esta falta de liberdade, de plenitude, cria memória, e o aumento dessa memória não é senão autoconsciência, o ego. Assim quando dizem, "Deixa-me contar com a experiência para me dar liberdade", o que realmente estão a fazer é a aumentar, a intensificar, a expandir essa autoconsciência, esse ego; porque estão a contar com o ganho, a acumulação, como o meio para obter felicidade, como o meio de compreender a verdade.

Depois de terem estabelecido na vossa mente a consciência do "eu", a vossa mente alimenta essa consciência, e daí surge a questão sobre se viverão ou não após a morte, se poderão ter esperança na reencarnação. Querem saber categoricamente se a reencarnação é um fato. Por outras palavras, utilizam a idéia da reencarnação como um meio de protelação, retirando daí conforto. Dizem, "Através do progresso obterei compreensão; o que não compreendi hoje compreenderei amanhã. Por isso deixa-me ter a garantia de que a reencarnação é verdade."

Assim agarram-se a esta idéia de progresso, esta idéia de obter cada vez mais até que cheguem à perfeição. É a isso que chamam progresso, adquirir cada vez mais, acumular cada vez mais. Mas para mim, perfeição é realização, não esta acumulação progressiva. Usam a palavra progresso para significar acumulação, obtenção, consecução; é essa a vossa idéia fundamental de progresso. Mas a perfeição não reside no progresso; ela é realização. A perfeição não é compreendida através da multiplicação de experiências, mas é plenitude na

experiência, plenitude na própria ação. O progresso separado da plenitude, conduz à total superficialidade.

Um sistema de fuga assim é dominante no mundo de hoje. A vossa teoria da reencarnação torna o homem cada vez mais superficial, em que ele diz, "Como não me posso realizar hoje, fa-lo-ei no futuro." Se não se podem realizar nesta vida, retiram conforto da idéia de que há sempre uma próxima vida. Daqui surge o questionamento sobre a vida após a morte, e a idéia de que o homem que adquiriu mais conhecimento, que não é sabedoria, alcançará a perfeição. Mas a sabedoria não é o resultado da acumulação; a sabedoria não é posse; a sabedoria é espontânea, imediata.

Enquanto a mente foge do vazio através da obtenção, esse vazio aumenta, e não têm um dia, um momento, em que possam dizer, "Eu vivi." As vossas ações são sempre incompletas, não realizadas, e por esse motivo a vossa procura de continuação. Com este desejo, o que aconteceu? Vocês tornaram-se cada vez mais vazios, cada vez mais superficiais, irrefletidos, sem sentido crítico. Aceitam o homem que lhes oferece conforto, certeza, e vocês, como indivíduos, criaram-no como vosso explorador. Tornam-se seus escravos, escravos do seu sistema, dos seus ideais. Desta atitude de aceitação não há realização, mas protelação. Por isso a necessidade da idéia da vossa continuidade, a crença na reencarnação, e daí surge a idéia de progresso, acumulação. Em seja o que for que fizerem, não há harmonia, não há significado, porque estão constantemente a pensar em termos de obtenção. Pensam na perfeição como uma finalidade, não como realização.

Ora, conforme disse, a perfeição reside na compreensão, em compreender completamente o significado de uma experiência; e essa compreensão é realização, a qual é imortalidade. Portanto têm que se tornar plenamente conscientes da vossa ação no presente. O aumento da autoconsciência chega através da superficialidade da ação e através da exploração incessante, começando com as famílias, maridos, esposas, crianças, e alargando-se à sociedade, ideais, religião; porque todos eles estão baseados nesta idéia de obtenção. O que realmente estão a procurar é aquisitividade, ainda que possam estar inconscientes dela, e da vossa exploração. Quero esclarecer que as vossas religiões, as vossas crenças, as vossas tradições, a vossa autodisciplina estão baseadas na idéia de ganho. São apenas engodos para o comportamento correto, e delas surge o explorador e o explorado. Se estiverem à procura de aquisitividade, procurem-na conscientemente – não hipocritamente. Não digam que estão à procura da verdade, porque não se chega à verdade desta maneira.

Ora esta idéia de crescer cada vez mais é para mim falsa, porque aquilo que cresce não é eterno. Foi já alguma vez demonstrado que quanto mais tiverem, mais compreendem? Em teoria poderá ser assim, mas na realidade não é assim. Um homem aumenta a sua propriedade e cerca-a; um outro aumenta o seu conhecimento e é limitado por ele. Qual é a diferença? Este processo de crescimento acumulativo é néscio, falso desde o princípio, porque aquilo que é susceptível de crescimento não é eterno. É uma ilusão, uma falsidade que nada tem em si de realidade. Mas se andarem atrás desta idéia de crescimento acumulativo, andem atrás dela com toda a vossa mente e com todo o vosso coração. Então descobrirão como é superficial, como é inútil, como é artificial. E quando perceberem que é falsa, então saberão a verdade. Então já não

procurarão a verdade para substituir pelo falso; porque na vossa percepção direta já não existe o falso. E nessa compreensão há o eterno. Então há felicidade, inteligência criativa. Então viverão naturalmente, completamente, como a flor, e nisso há imortalidade.

Palestra 30 de dezembro, 1933.

Conforme estava a dizer ontem, o pensamento é mutilado, é invalidado, quando está limitado por uma crença, contudo a maioria dos nossos pensamentos é uma reação baseada na crença, numa crença específica ou num ideal. Assim o nosso pensamento nunca é verdadeiro, fluindo, criativo. É sempre controlado por uma crença específica, uma tradição ou um ideal. Só se pode compreender a verdade, essa verdade duradoura, quando o pensamento está continuamente em movimento, liberto de um passado ou de um futuro. Isto é tão simples que muitas vezes não o compreendemos. Um grande cientista não tem objetivo na sua pesquisa; se ele estivesse apenas a procurar um resultado, então deixaria de ser um grande cientista. Assim tem que ser com o nosso pensamento. Mas o nosso pensamento está estropiado, limitado, cercado por uma crença, por um dogma, por um ideal, e assim não há pensamento criativo.

Por favor apliquem o que digo a vocês mesmos; então poderão acompanhar facilmente o que quero dizer. Se apenas ouvirem como um divertimento, então o que digo é totalmente frívolo, e só haverá mais confusão.

Em que baseiam a vossa crença? Em que se fundamentam a maior parte das vossas idéias? Se prestarem atenção, descobrirão que a crença tem como motivação ou a idéia de obtenção, de recompensa, ou de que serve como um engodo, uma orientação, um padrão. Dizem, "Procurarei a virtude, agirei desta ou daquela maneira, para obter felicidade; descobrirei o que é a verdade, para vencer a confusão, o sofrimento; servirei para ter as bênçãos dos céus." Mas esta atitude em relação à ação como um meio de aquisição futura está constantemente a mutilar o vosso pensamento.

Ou, mais uma vez, a crença se baseia no resultado do passado. Ou têm princípios externos, impostos, ou desenvolveram ideais internos segundo os quais vivem. Os princípios externos são impostos pela sociedade, pela tradição, pela autoridade, os quais se baseiam no medo. Estes são os princípios que constantemente usam como o vosso padrão: "Que pensará o meu vizinho?" "O que sustenta a opinião pública?", "O que dizem os livros sagrados ou os professores?" Ou desenvolvem uma lei interna, que nada mais é que uma reação ao exterior; isto é, desenvolvem uma crença interior, um princípio interior, baseado na memória da experiência, na reação, para se orientarem no movimento da vida.

Assim a crença ou é do passado ou é do futuro. Isto é, quando há uma carência, o desejo cria o futuro; mas quando se orientam no presente de acordo com uma experiência que tiveram, esse padrão está no passado; já está morto. Assim desenvolvemos uma resistência contra o presente, à qual chamamos força de vontade. Ora para mim, a força de vontade existe somente onde há falta de compreensão. Porque queremos a força de vontade? Quando compreendo e vivo uma experiência, não tenho que a combater; não tenho que lhe resistir. Quando compreendo completamente uma experiência já não existe o espírito de imitação, de ajustamento, ou o desejo de lhe resistir. Compreendo-a completamente, e por isso estou liberto da sua carga. Têm que refletir sobre o que estou a dizer; as minhas palavras não são tão confusas quanto possam parecer.

A crença baseia-se na idéia de aquisição, e o desejo de obter resulta da ação. Procuram obtenção; estão a ser moldados por conjuntos de crenças baseados na idéia de ganho, na procura de recompensa, e a vossa ação é o resultado dessa busca. Se estivessem no movimento do pensamento, não procurando uma finalidade, uma meta, uma recompensa, então haveria resultados, mas não se preocupariam com eles. Como disse, um cientista que procura resultados não é um verdadeiro cientista; e um verdadeiro cientista que procura profundamente, não está preocupado com os resultados que alcança, mesmo que esses resultados sejam úteis para o mundo. Portanto preocupem-se com o movimento da ação em si, e aí há o êxtase da verdade. Mas têm que se tornar conscientes de que o pensamento é limitado pela crença, que estão a agir apenas de acordo com um conjunto de crenças, que a vossa ação está estropiada pela tradição. Nesta liberdade de consciência existe a plenitude de ação.

Suponham, por exemplo, que sou professor numa escola. Se eu tentar moldar a inteligência dos alunos no sentido de uma ação específica, então já não se trata de inteligência. Como o aluno empregará a sua inteligência é com ele. Se ele for inteligente agirá verdadeiramente, porque não estará a agir por motivos de obtenção, de recompensa, de sedução, de poder.

Para compreender este movimento do pensamento, esta plenitude de ação, que nunca poderá ser estática como um padrão, como um ideal, a mente tem que estar livre da crença; porque a ação que procura recompensa não pode compreender a sua própria plenitude, a sua própria realização. Contudo a maior parte das vossas ações estão baseadas na crença. Acreditam na orientação de um Mestre, acreditam num ideal, acreditam em dogmas religiosos, acreditam nas tradições estabelecidas da sociedade. Mas com esse pano de fundo da crença nunca compreenderão, nunca aprofundarão a experiência integralmente, com todo o vosso ser. Só quando já não estiverem limitados pela crença é que conhecerão a plenitude da ação. Agora não têm consciência deste fardo que perverte a mente. Tornem-se plenamente conscientes deste fardo na ação, e essa mesma consciência libertará a mente de todas as perversões.

Responderei agora a algumas das questões que me foram colocadas.

Pergunta: Pela ratificação das escrituras e a concorrência de muitos professores, a dúvida tem sido considerada através dos tempos como uma grilheta a ser destruída antes que a verdade possa começar a aparecer na alma. O senhor, pelo contrário, parece olhar para a dúvida a uma luz bastante diferente: Chegou mesmo a chamar-lhe um precioso unguento. Qual destas duas opiniões contraditórias é a correta?

Krishnamurti: Deixemos as escrituras fora desta discussão; porque quando começa a citar as escrituras para apoiar as suas opiniões, tenha a certeza de que o Diabo também pode encontrar textos nas escrituras que apóiem a opinião completamente contrária! Nos Upanishads, nos Vedas, tenho a certeza de que pode ser encontrado o completo oposto daquilo que diz que as escrituras ensinam: tenho a certeza que podem ser encontrados textos que dizem que se deve duvidar. Portanto não vamos citar as escrituras uns aos outros; é como arremessar tijolos à cabeça um do outro.

Conforme disse, as vossas ações baseiam-se em crenças, em ideais, que herdaram ou adquiriram. Não têm realidade. Nenhuma crença é jamais uma realidade viva. Para o homem que vive, as crenças são desnecessárias.

Ora como a mente está estropiada pelas muitas crenças, pelos muitos princípios, pelas muitas tradições, falsos valores e ilusões, têm que começar a questioná-los, a duvidar deles. Vocês não são crianças. Não podem aceitar seja o que for que lhes é oferecido ou imposto. Têm que começar a questionar o próprio alicerce da autoridade, porque esse é o início da verdadeira crítica; têm que questionar para descobrir por vocês próprios o verdadeiro significado dos valores tradicionais. Esta dúvida, nascida do conflito intenso, por si só libertará a mente e dar-lhes-á o êxtase da liberdade, um êxtase liberto da ilusão.

Assim a primeira coisa é duvidar, não acalentar as vossas crenças. Mas a alegria dos exploradores é instá-los a não duvidar, a considerarem a dúvida uma grilheta. Porque deveriam temer a dúvida? Se estão satisfeitos com as coisas como elas estão, então continuem a viver como vivem. Digam que estão satisfeitos com as vossas cerimônias; podem ter rejeitado as velhas e aceitado as novas, mas ambas são a mesma coisa no final. Se estão satisfeitos com elas, o que eu digo não os perturbará na vossa tranquilidade estagnante. Mas não estamos aqui para ser limitados, para ser seduzidos; estamos aqui para viver inteligentemente, e se desejarem viver assim, a primeira coisa que têm que fazer é questionar.

Ora a nossa pretensa educação destrói implacavelmente a inteligência criativa. A educação religiosa que autoritariamente mantém perante vocês a idéia de medo sob variadas formas, impede-os de questionar, de duvidar. Podem ter descartado a velha religião de Mylapore, mas aceitaram uma nova religião que tem muitos "Não faça" e "Faz". A sociedade, através da força da opinião pública que é forte, vital, também os impede de duvidar; e vocês dizem que se resistissem à opinião pública, ela esmagaria-os. Assim, em todos os lados, a dúvida é desencorajada, destruída, posta de lado. Contudo só podem encontrar a verdade quando começarem a questionar, a duvidar dos valores de que a sociedade e a religião, antigas e modernas, os rodearam.

Portanto não comparem o que estou a dizer com o que é dito nas escrituras, dessa maneira nunca compreenderemos. A comparação não leva à compreensão. Somente quando pegamos numa idéia em si e a examinamos profundamente, não comparativamente nem relativamente, mas com o objetivo de descobrir o seu valor intrínseco, somente então compreenderemos.

Tomemos um exemplo. Sabem que é costume aqui casar muito novo, e isso se tornou quase sagrado. Ora, não devemos questionar este costume? Questionam este hábito tradicional se realmente amam os vossos filhos. Mas a opinião pública está tão fortemente a favor do casamento antes do tempo que não se atrevem a ir contra ela e portanto nunca questionam honestamente esta superstição.

Descartaram certas cerimônias e aceitaram outras novas. Porque desistiram das velhas cerimônias? Desistiram delas porque não os satisfaziam; e aceitaram outras novas porque são mais prometedoras, mais atraentes, oferecem maior esperança. Nunca disseram, "Vou descobrir o valor intrínseco das cerimônias,

sejam elas Hindus, Cristãs, ou de qualquer outro credo.” Para descobrir o seu valor intrínseco, têm que pôr de lado as esperanças, os engodos, que elas oferecem, e examinar criticamente toda a questão. Não pode existir esta atitude de aceitação. Vocês só aceitam quando desejam obter, quando procuram conforto, refúgio, segurança, e nessa busca de segurança, de conforto, fazem da dúvida uma grilheta, uma ilusão a ser banida e destruída.

Uma pessoa que quer viver verdadeiramente, compreender a vida completamente, tem que conhecer a dúvida. Não digam, “Haverá alguma vez um fim para a dúvida?” A dúvida existirá enquanto sofrerem, enquanto não tiverem descoberto os verdadeiros valores. Para compreender os verdadeiros valores, têm que começar a duvidar, a ser críticos das tradições, da autoridade, em que a vossa mente tem sido treinada. Mas isto não quer dizer que a vossa atitude tenha de ser uma de oposição pouco inteligente. Para mim, a dúvida é um precioso ungüento. Cura as feridas do sofredor. É uma influência benigna. A compreensão só chega quando duvidam, não com o objetivo de mais aquisição ou substituição, mas para compreender. Onde existe o desejo de obter, já não existe a dúvida. Onde existe o desejo de obter, existe a aceitação da autoridade – seja a de um, a de cinco, ou a de um milhão. Uma autoridade assim encoraja a aceitação e chama grilheta à dúvida. Porque estão continuamente à procura de conforto, de segurança, encontram exploradores que lhes asseguram que a dúvida é uma grilheta, uma coisa a banir.

Pergunta: Diz que não podemos trabalhar para o nacionalismo e ao mesmo tempo pela fraternidade. Quer dizer que sugere que (1) nós, que somos uma nação dominada e que acreditamos firmemente na fraternidade, devemos cessar de lutar para nos tornarmos autogovernados, ou que (2) enquanto estivermos a tentar libertar-nos do jugo estrangeiro devemos deixar de trabalhar para a fraternidade?

Krishnamurti: Não olhemos para esta questão do ponto de vista de uma nação dominada ou de uma nação exploradora. Quando nos denominamos uma nação dominada, estamos a criar um explorador. Não olhemos de momento para a questão desta maneira. Para mim, a questão não é a solução de um problema imediato, porque se compreendermos integralmente o objetivo último em direção ao qual estamos a trabalhar, então ao trabalhar para esse objetivo resolvemos o problema imediato sem grande dificuldade.

Agora por favor acompanhem o que vou dizer; pode ser novo para vocês, mas não o rejeitem por essa razão. Sei que a maioria de vocês é nacionalista e que ao mesmo tempo se supõe serem a favor da fraternidade. Sei que estão a tentar manter o espírito do nacionalismo e o espírito de fraternidade ao mesmo tempo. Mas por favor ponham de lado esta atitude nacionalista de momento, e olhem para a questão a partir de um outro ponto de vista.

A solução definitiva do problema do emprego e da fome é a unidade mundial ou humana. Vocês dizem que há milhões de pessoas a morrer de fome e de sofrimento na Índia, e que se puderem livrar dos Ingleses, encontrarão maneiras e meios de satisfazer as pessoas que estão a morrer de fome. Mas eu digo, não procurem resolver o problema a partir deste ponto de vista. Não considerem os sofrimentos imediatos da Índia, mas considerem toda a questão dos milhões que estão a morrer de fome no mundo. Milhões de Chineses estão a morrer por falta

de comida. Porque não pensam nestes? “Não, não”, dizem vocês, “o meu primeiro dever é para com os de casa.” Isso é também o que os Chineses dizem, “O meu primeiro dever é para com os de casa.” É o que proclamam os Ingleses, os alemães, os Italianos; é o que afirma cada nacionalista. Mas eu digo, não olhem para o problema a partir deste ponto de vista – não lhe chamarei um ponto de vista nem tacinho nem amplo. Eu digo, considerem a causa total da fome em todo o mundo, e não por que é que um povo específico não tem comida suficiente.

O que causa a fome? A falta de planeamento organizado para toda a raça humana. Não é assim? Há comida suficiente. Existem alguns métodos excelentes que podem ser usados para a distribuição de comida e roupas, e para dar emprego ao homem. Há o suficiente de todas estas coisas. Então o que nos impede de fazer o uso inteligente destas coisas? As distinções de classes, as distinções nacionais, as distinções religiosas e sectárias – todas elas impedem a cooperação inteligente. No íntimo cada um de vocês está a lutar para obter; cada um é regido pelo instinto de posse. Eis porque acumulam implacavelmente, legam as vossas posses às vossas famílias, e isto se tornou uma causa de ruína para o mundo.

Enquanto este espírito existir, nenhum sistema inteligente funcionará satisfatoriamente porque não há pessoas inteligentes suficientes para o utilizar sabiamente. Quando falam de nacionalismo querem dizer, “Primeiro o meu país, a minha família, e eu.” Através do nacionalismo nunca chegarão à unidade humana, à unidade do mundo. O absurdo e a crueldade do nacionalismo está fora de dúvida, mas os exploradores usam o nacionalismo para os seus próprios fins.

Aqueles de vocês que falam de fraternidade são geralmente nacionalistas no íntimo. O que significa fraternidade como uma idéia ou como uma realidade? Como podem ter realmente o sentimento de amor fraternal nos vossos corações quando sustentam um determinado conjunto de crenças dogmáticas, quando fazem distinções religiosas? E é isso o que estão a fazer nas vossas várias sociedades, nos vossos vários grupos. Estão a agir de acordo com o espírito de fraternidade quando existem estas distinções? Como podem conhecer esse espírito quando têm preconceitos de classe? Como pode haver unidade ou fraternidade quando pensam somente em termos da vossa família, da vossa nacionalidade, do vosso Deus?

Enquanto estiverem a tentar resolver apenas o problema imediato – aqui, o problema da fome na Índia – é confrontado com dificuldades insuperáveis. Não existe processo, sistema, revolução que possa alterar a situação de imediato. Livrarem-se imediatamente dos Ingleses, ou substituir uma burocracia obscura por uma burocracia transparente, não dará de comer aos milhões de esfomeados na Índia. A fome existirá enquanto existir exploração. E vocês, individualmente, estão envolvidos nesta exploração no vosso anseio de poder que cria distinções, no vosso desejo de segurança individual, tanto espiritual como física. Eu afirmo que enquanto existir o espírito de exploração, sempre haverá fome.

Ou, o que pode acontecer é isto: Podem ser implacavelmente conduzidos a aceitar um outro conjunto de idéias, a adotar uma nova ordem social, quer gostem quer não. Presentemente é costume – e é reconhecido como legítimo –

explorar, possuir e aumentar as vossas posses, manter, colher, amontoar, herdar. Quanto mais têm, maior é o vosso poder de exploração. Em reconhecimento das vossas posses, do vosso poder, o governo honra-os, conferindo-lhes títulos e monopólios; chamam-vos "Sir", tornam-se um K.C.S.I., Rao Bahadur. É isto o que está a acontecer na vossa existência material, e na vossa pretensa vida espiritual existe exatamente a mesma situação. Estão a adquirir honras espirituais, títulos espirituais; entram nas distinções espirituais de discípulos, Mestres, gurus. Existe a mesma luta pelo poder, a mesma possessividade, a mesma terrível crueldade da exploração através dos sistemas religiosos e dos seus exploradores, os sacerdotes. E pensa-se que isto é espiritual, moral. Vocês são escravos do sistema que existe atualmente.

Ora um outro sistema está a surgir, chamado comunista. Este sistema está inevitavelmente a fazer a sua aparição porque aqueles que têm posses são tão desumanos, tão implacáveis na sua exploração, que aqueles que sentem a sua crueldade e o seu caráter grotesco têm que encontrar um meio de resistência. Portanto começam a acordar, a revoltar-se, e fa-los-ão penetrar no seu sistema de pensamento porque vocês são desumanos. (Riso)

Não, não se riam. Vocês não se apercebem da horrível crueldade provocada pelos vossos mesquinhos sistemas de posse. Está a chegar um novo sistema, e quer gostem quer não, serão despojados; serão conduzidos como carneiros em direção à não-posse, da mesma maneira que são agora conduzidos para a posse. Nesse sistema a honra vai para aqueles que não são possessivos. Vocês serão escravos desse novo sistema tal como são escravos do antigo. Um força-os a possuir, o outro a não possuir. Talvez o novo sistema beneficie as multidões, as massas; se forem forçados, individualmente, a aceitá-lo, então o pensamento criativo termina. Por isso eu digo, ajam voluntariamente, com compreensão. Sejam livres da possessividade bem como do seu oposto, a não possessividade.

Mas vocês perderam todo o sentido do verdadeiro sentir. Eis porque lutam pelo nacionalismo – contudo não estão preocupados com as muitas implicações do nacionalismo. Quando estão ocupados com distinções de classe, quando estão a lutar para manter o que têm, estão realmente a ser explorados individual e coletivamente, e esta exploração inevitavelmente conduzirá à guerra. Não será isso ostensivamente óbvio agora na Europa? Cada nação continua com a acumulação de armamentos, e contudo fala de paz e assiste a conferências sobre o desarmamento. (Riso)

Estão a fazer exatamente a mesma coisa de outra maneira. Falam sobre fraternidade, e contudo agarram-se a distinções de castas: os preconceitos religiosos dividem-nos; os costumes sociais tornaram-se barreiras cruéis. Pelas vossas crenças, ideais, preconceitos, a unidade do homem está constantemente a ser demolida. Como podem falar de fraternidade quando não a sentem nos vossos corações, quando as vossas ações se opõem à unidade do homem, quando constantemente procuram a vossa auto-expansão, a vossa autoglorificação? Se não estivessem a perseguir os vossos próprios fins egoístas, querem dizer que pertenceriam a organizações que lhes prometem recompensas espirituais e temporais? É isso o que as vossas religiões, os vossos grupos seletivos, os vossos governos estão a fazer, e vocês pertencem-lhes para a vossa própria auto-expansão, a vossa própria autoglorificação.

Se se tornarem inteligentes sobre toda esta questão do nacionalismo, se realmente refletirem sobre ela e se portanto agirem verdadeiramente em relação a ela, podem criar uma unidade no mundo que será a única solução real para o problema imediato da fome. Mas é difícil para vocês pensar ao longo destas linhas porque foram treinados durante anos a pensar na rotina nacionalista. As vossas histórias, as vossas revistas, os vossos jornais, todos eles enfatizam o nacionalismo. Vocês são treinados pelos vossos exploradores políticos a não ouvir ninguém que chama ao nacionalismo uma doença, ninguém que diga que não é um meio para a unidade do mundo. Mas vocês não devem separar o meio do fim; o fim está diretamente ligado ao meio; não é distinto dele. O fim é a unidade do mundo, um plano organizado para o todo, embora isto não signifique equalização da individualidade. No entanto uma equalização sem vida, mecânica, acontecerá se não agirem voluntariamente, inteligentemente.

Pergunto-me quantos de vocês sentem a urgência, a necessidade destas coisas? O fim é a unidade humana, da qual tanto falam; mas falam apenas sem vontade e sem ação inteligente; não sentem, e as vossas ações negam as vossas palavras. O fim é a unidade humana, um planejamento organizado para todos os homens, não o condicionamento do homem. O objetivo não é forçar o homem a pensar numa qualquer direção em particular, mas ajudá-lo a ser inteligente para que viva plenamente, criativamente. Mas tem que haver planejamento organizado para o bem-estar do homem, e isso só poderá ser ocasionado quando o nacionalismo e a distinção de classes, com a sua exploração, deixarem de existir.

Senhores, quantos de vocês sentem a grande necessidade de tal ação? Tenho bem consciência da vossa atitude. "Estão milhões a morrer de fome na Índia", dizem vocês. "Não é importante atacar o problema imediatamente?" Mas o que estão exatamente a fazer sobre isso? Falam sobre fazer alguma coisa, mas o que realmente fazem é discutir e debater sobre como os vossos planos deverão ser organizados, que sistema deverá ser adotado, e quem deverá ser o seu líder. Isso está nos vossos corações. Não estão realmente preocupados com os milhões de esfomeados em todo o mundo. É por isso que falam de nacionalismo. Se procurassem resolver o problema como um todo, se realmente se compadecessem de toda a raça humana, veriam então a imensa necessidade de uma ação humana completa, que só poderá acontecer quando pararem de falar em termos de nacionalidades, de classes, de religiões.

Pergunta: Ainda está inclinado a negar terminantemente que é um produto genuíno da cultura Teosófica?

Krishnamurti: O que quer dizer com cultura Teosófica? Vê como esta questão está ligada com a precedente sobre o nacionalismo. Você pergunta, "Não foi a nossa sociedade, a nossa religião, o nosso país que o criou?" E segue-se a pergunta seguinte, "Porque é ingrato para conosco?"

A inteligência não é o produto de nenhuma sociedade, embora eu saiba que as sociedades e os grupos gostem de a explorar. Se eu concordasse que sou o "produto genuíno da cultura Teosófica", seja o que for que isso possa significar, você diria, "Vejam que homem maravilhoso ele é! Fomos nós que o produzimos; portanto sigam-nos a nós e às nossas idéias." (Riso) Sei que estou a pôr isto de forma tosca, mas é assim que muitos de vocês pensam. Não se riam. Riem

demasiado facilmente, riem superficialmente, mostrando que não sentem vitalmente. Quero que considere porque me faz esta pergunta, não se sou ou não o resultado da cultura Teosófica.

A cultura é universal. A verdadeira cultura é infinita; não pertence a qualquer sociedade, a qualquer nação, a qualquer religião. Um verdadeiro artista não é nem Hindu nem Cristão, nem Americano nem Inglês, porque um artista que está condicionado pela tradição ou pelo nacionalismo não é um verdadeiro artista. Assim não vamos discutir se sou o resultado da cultura Teosófica ou se não sou. Vamos considerar o porquê de ter feito esta pergunta. Isso é mais importante.

Porque se mantêm fiéis às vossas crenças particulares, dizem que o vosso caminho é o único caminho, que é melhor que todos os outros caminhos. Mas eu afirmo que não existe nenhum caminho para a verdade. Somente quando estiverem livres desta idéia de caminhos que são apenas ilusões temperamentais, começarão a pensar inteligentemente e criativamente.

Atenção que não estou a atacar a vossa sociedade. Foram suficientemente amáveis em convidar-me para falar aqui, e não estou a abusar dessa amabilidade. A vossa sociedade é como milhares de outras sociedades em todo o mundo, cada uma sustendo as suas próprias crenças, cada uma pensando, "A nossa é o melhor caminho; a nossa crença está certa, e as outras crenças estão erradas." Antigamente, as pessoas cujas crenças diferiam das ortodoxamente aceites eram queimadas ou torturadas. Hoje tornamo-nos aquilo a que podemos chamar tolerantes; isto é, tornamo-nos intelectualizados. É isso o que a tolerância significa.

Fazem-me esta pergunta porque se querem convencer a si próprios de que a vossa cultura, a vossa crença, é a melhor; querem trazer outros para essa crença, para essa cultura. Hoje a Alemanha sustém que será um país só de pessoas Nórdicas, que só haverá uma cultura. Vocês dizem exatamente a mesma coisa de uma maneira diferente. Vocês dizem, "As nossas crenças resolverão os problemas do mundo." E isso é o que os Budistas e os Maometanos dizem; isso é o que os Católicos Romanos e outros dizem: "As nossas crenças são as melhores; a nossa instituição é a mais valiosa." Cada seita e cada grupo acredita na sua própria superioridade, e de tais crenças surgem as cisões, as discórdias e guerras religiosas sobre coisas que não importam nada.

Para um homem que vive plenamente, completamente, para um homem que é verdadeiramente culto, as crenças são desnecessárias. Ele é criativo. Ele é verdadeiramente criativo, e essa criatividade não é o resultado de uma reação a uma crença. O homem verdadeiramente culto é inteligente. Nele não há separação entre o seu pensamento e a sua emoção, e por isso as suas ações são completas, harmônicas. A verdadeira cultura não é nacionalista nem é de nenhum grupo. Quando compreenderem isto, haverá o verdadeiro espírito de fraternidade; já não pensarão em termos de Catolicismo Romano ou de Protestantismo, em termos de Hinduísmo ou de Teosofia. Mas vocês estão tão conscientes das vossas posses e da vossa luta para mais aquisição que originam distinções, e daqui surge o explorador e o explorado.

Alguns de vocês, eu sei, fecharam as vossas mentes ao que estou a dizer e ao que vou dizer. É óbvio olhando as vossas caras.

Comentário da audiência: Duvidamos de si, isso é tudo.

Krishnamurti: É perfeitamente correto que duvidem de mim. Fico satisfeito se duvidarem. Mas não estão a duvidar. Se estivessem realmente a duvidar, como poderiam fazer-me uma pergunta tal como esta, se sou o resultado da cultura Teosófica ou não? O pensamento não é para ser condicionado, formado, contudo eu sei que isto está a acontecer; mas certamente que não podem aceitar as coisas como são. Só aceitam quando estão satisfeitos, contentes. Não aceitam quando estão a sofrer. Quando estão a sofrer começam a questionar. Portanto porque não haverão de duvidar? Não os convidei desde o início a examinar, a desafiar tudo o que digo, para que se tornem inteligentes, afetuosos, humanos? Chegaram a essa compreensão inteligente da vida? Estou a pedir-lhes que questionem, que duvidem, não só do que digo, mas também dos valores passados e aqueles em que estão agora aprisionados.

A dúvida provoca uma compreensão duradoura; a dúvida não é uma finalidade em si. O que é verdade só é revelado através da dúvida, através do questionamento das muitas ilusões, dos valores tradicionais, dos ideais. Estão a fazer isso? Se souberem que estão sinceramente a fazer isto, então também saberão o significado duradouro da dúvida. Estão a mente e o coração a libertar-se da possessividade? Se estiverem verdadeiramente despertos para a sabedoria da dúvida, o instinto de aquisitividade deverá ser completamente destruído, porque esse instinto é a causa de muito sofrimento. Nele não há amor, mas apenas caos, conflito, sofrimento. Se duvidarem verdadeiramente, perceberão a falsidade do instinto de posse.

Se vocês são críticos, interrogadores, porque se apegam às cerimônias? Agora não comparem uma cerimônia com outra para decidir qual é melhor, mas descubram se as cerimônias valem mesmo a pena. Se disserem, "As cerimônias que faço são muito satisfatórias para mim", então nada mais tenho a dizer. A vossa declaração apenas mostra que não têm conhecimento da dúvida. Estão somente interessados em estar satisfeitos. As cerimônias mantêm as pessoas separadas, e cada crente nelas diz, "As minhas são as melhores. Têm mais poder espiritual que as outras." É isto o que os membros de cada religião, de cada seita ou sociedade religiosa afirmam, e sobre estas distinções artificiais tem havido desavenças durante gerações. Estas cerimônias e outras barreiras assim irrefletidas separaram o homem do homem.

Posso dizer outra coisa? Se duvidarem, isto é, se desejarem enormemente descobrir, têm que largar essas coisas que lhes são tão caras. Não pode haver verdadeira compreensão mantendo o que têm. Não podem dizer, "Manter-me-ei fiel a este preconceito, a esta crença, a esta cerimônia, e ao mesmo tempo examinarei aquilo que diz." Como poderiam? Tal atitude não é uma atitude de dúvida; não é uma atitude de crítica inteligente. Mostra que estão apenas à procura de um substituto.

Estou a tentar ajudá-los a compreender verdadeiramente a plenitude da vida. Não lhes estou a pedir que me sigam. Se estão satisfeitos com a vossa vida como ela é, então continuem-na. Mas se não estão, então experimentem o que estou a dizer. Não aceitem, mas comecem a ser inteligentemente críticos. Para viver completamente têm que se libertar das perversões, das ilusões em que

estão presos. Para descobrir o significado duradouro da cerimônia, têm que a examinar criticamente, objetivamente, e para fazer isto não devem ser seduzidos por ela, enredados por ela. Certamente que isto é óbvio. Examinem tanto o desempenho como o não-desempenho das cerimônias. Duvidem, questionem, ponderem sobre isto profundamente. Quando começarem a abandonar o passado, criarão conflito em vocês mesmos, e desse conflito tem que chegar a ação nascida da compreensão. Ora vocês têm medo de deixar ir, porque o ato de abandono trará perturbação; desse ato poderá chegar a decisão de que as cerimônias são inúteis, o que iria contra a vossa família, os vossos amigos, e as vossas asserções passadas. Existe medo por trás de tudo isto, portanto apenas duvidam intelectualmente. São como o homem que se agarra a todas as suas posses, às suas idéias, às suas crenças, à sua família, e contudo fala da não-posses. O seu pensamento nada tem a ver com a sua ação. A sua vida é hipócrita.

Por favor não pensem que estou a falar rudemente; não estou. Mas também não vou ser sentimental ou emocional para os instigar à ação. De fato, não estou interessado em estimulá-los para a ação; vocês mesmos se estimularão para a ação quando compreenderem. Estou interessado em mostrar-lhes o que está a acontecer no mundo. Quero despertá-los para a crueldade, para a terrível opressão, exploração, que está em vosso redor. A religião, a política, a sociedade estão a explorá-los, e vocês estão a ser condicionados por elas; estão a ser forçados numa determinada direção. Vocês não são seres humanos; são uma mera peça de engrenagem numa máquina. Sofrem pacientemente, submetendo-se às crueldades do meio, quando vocês, individualmente, têm as possibilidades de as mudar.

Senhores, é tempo de agir. Mas a ação não pode ter lugar através de meras argumentações e discussões. A ação só tem lugar quando sentem intensamente. A verdadeira ação só tem lugar quando os vossos pensamentos e os vossos sentimentos estão harmoniosamente ligados. Mas vocês separaram os vossos sentimentos dos vossos pensamentos, porque da sua harmonia, a ação tem que criar um conflito que não estão dispostos a enfrentar. Mas eu digo, libertem-se dos falsos valores da sociedade, das tradições; vivam completamente, individualmente. Com isto não quero dizer individualisticamente. Quando falo de individualidade, quero com isso referir-me à compreensão dos verdadeiros valores que os libertam da máquina social, religiosa, que os está a destruir. Para ser verdadeiramente individual, a ação tem que nascer da inteligência criativa, sem medo, e não aprisionada na ilusão.

Vocês podem fazer isto. Podem viver completamente – não só vocês, mas todas as pessoas em vosso redor – quando se tornarem criativamente inteligentes. Mas agora estão decididos a obter, sempre à procura de poder. São conduzidos por engodos, por crenças, por substitutos. Não há nisto felicidade, não há nisto inteligência criativa, não há nisto verdade.

Palestra - 31 de dezembro, 1933.

Se se puder encontrar uma absoluta garantia de segurança, então não se tem medo de nada. Se se puder ter a certeza de tudo, então o medo cessa totalmente, seja o medo do presente ou do futuro. Por isso estamos sempre à procura de segurança, consciente ou inconscientemente, segurança essa que eventualmente se torna a nossa posse exclusiva. Ora existe a segurança física que, no presente estado da civilização, um homem pode acumular através do seu engenho, da sua habilidade, através da exploração. Fisicamente ele pode assim tornar-se seguro, enquanto que emocionalmente, para segurança, ele se volta para o pretense amor, que é para a maior parte, possessividade; volta-se para as distinções emocionais egoístas da família, dos amigos, e da nacionalidade. Depois há a procura constante de segurança emocional em idéias, em crenças, na busca da virtude, sistemas, certezas, e o pretense conhecimento.

Deste modo entrincheiramo-nos continuamente; através da possessividade construímos à nossa volta seguranças, confortos, e tentamos sentir-nos seguros, protegidos, certos. É isto o que estamos continuamente a fazer. Mas embora nos entrincheiremos por trás das seguranças do conhecimento, da virtude, do amor, da posse, embora edifiquemos muitas certezas, estamos a construir sobre areia, porque as ondas da vida estão constantemente a bater contra os seus alicerces, deixando à mostra as estruturas que nós tão cuidadosa e diligentemente construímos. Chegam experiências, uma após outra, que destroem todo o conhecimento anterior, todas as certezas anteriores, e todas as nossas seguranças são arrastadas, disseminadas como palha perante o vento. Assim, embora possamos pensar que estamos seguros, vivemos no medo contínuo da morte, no medo da mudança e da perda, no medo da revolução, no medo da incerteza torturante. Estamos constantemente conscientes da transitoriedade do pensamento. Construímos inumeráveis muros por trás dos quais procuramos segurança e conforto, mas o medo está ainda a torturar-nos nos nossos corações e nas nossas mentes. Assim procuramos continuamente a substituição, e essa substituição torna-se a nossa meta, o nosso objetivo. Dizemos, "Esta crença provou não ser de qualquer valor, portanto deixa-me virar para outro conjunto de crenças, outro conjunto de idéias, outra filosofia." A nossa dúvida termina meramente na substituição, não no questionamento da crença em si. Não é a dúvida que questiona, mas o desejo de seguranças. Por isso a vossa pretensa busca da verdade se torna apenas numa busca de mais seguranças permanentes, e aceitam como professor, como guia, qualquer pessoa que se ofereça para lhes dar segurança, certeza, conforto absolutos.

É assim que é com a maioria das pessoas. Queremos e procuramos. Tentamos analisar os substitutos que os outros sugerem para tomarem o lugar das seguranças que conhecemos e que estão a ser constantemente desgastadas, corroídas, pela experiência da vida. Mas não nos podemos livrar do medo pela substituição, pela remoção de um conjunto de crenças substituindo-o por outro. Só quando descobrimos o verdadeiro valor das crenças a que nos agarramos, o significado persistente dos nossos instintos de posse, do nosso conhecimento, das seguranças que edificamos, somente nessa compreensão podemos pôr fim ao medo. A compreensão não chega pela procura de substitutos, mas pelo questionamento, entrando verdadeiramente em conflito com as tradições,

duvidando das idéias estabelecidas da sociedade, da religião, da política. Afinal, a causa do medo é o ego e a consciência desse ego, que é criado pela falta de compreensão. Devido a esta falta de compreensão procuramos seguranças, desse modo fortalecendo essa limitada autoconsciência.

Ora enquanto o ego existir, enquanto houver a consciência do "meu", tem que haver medo; e este ego existirá enquanto desejarmos substitutos, enquanto não compreendermos as coisas à nossa volta, as coisas que nós estabelecemos, os próprios monumentos da tradição, dos hábitos, das idéias, das crenças em que nos refugiamos. E só podemos compreender estas tradições e crenças, descobrir o seu verdadeiro significado, quando entrarmos em conflito com elas. Não podemos compreendê-las teoricamente, intelectualmente, mas apenas na plenitude do pensamento e da emoção, que é a ação.

Para mim, o ego representa a falta de percepção que cria o tempo. Quando compreendem um fato completamente, quando compreendem as experiências da vida integralmente, incondicionalmente, o tempo cessa. Mas não podem compreender a experiência completamente se estiverem constantemente à procura de certeza, de conforto, se a vossa mente estiver entrincheirada na segurança. Para compreender uma experiência em todo o seu significado, têm que questionar, têm que duvidar das seguranças, das tradições, dos hábitos que edificaram porque eles impedem a plenitude da compreensão. Desse questionamento, desse conflito, se esse conflito for real, desponta a compreensão; e nessa compreensão, a autoconsciência, a consciência limitada, desaparece.

Têm que descobrir o que estão a procurar, segurança ou compreensão. Se estiverem à procura de segurança, encontra-la-ão na filosofia, nas religiões, nas tradições, na autoridade; mas se desejam compreender a vida, na qual não há segurança, conforto, então há liberdade duradoura. E só podem descobrir o que procuram estando conscientes na ação; não podem descobrir apenas questionando a ação. Quando questionam e analisam a ação, põe um fim à ação. Mas se estiverem conscientes, se forem intensos na vossa ação, se puserem nela toda a vossa mente e todo o vosso coração, então essa ação revelará se estão por esse meio a procurar conforto, segurança, ou essa infinita compreensão que é o eterno movimento da vida.

Pergunta: Na sua Autobiografia a Dra. Besant disse que tinha passado da tormenta à paz pela primeira vez na sua vida quando conheceu o seu grande Mestre. A sua magnífica vida daí para a frente teve a sua força motriz na sua ilimitada e interminável devoção ao seu Mestre, expressa através da alegria de o servir. O senhor mesmo, nas suas poéticas palavras, declarou a sua inexprimível alegria na união como o Amado (Beloved) e na visão da sua face para onde quer que se voltasse. Não poderia a influência de um Mestre, tal como foi evidente na notável vida da Dra. Besant e na sua, ser igualmente significativa em outras vidas?

Krishnamurti: Está a perguntar-me, por outras palavras, se os Mestres são necessários, se eu acredito em Mestres, se a sua influência é benéfica, e se eles existem. É essa toda a questão, não é? Muito bem, senhores. Ora, acreditem ou não em Mestres (e alguns de vocês acreditam neles), por favor não fechem as vossas mentes ao que vou dizer. Sejam abertos, críticos. Vamos examinar a

questão exaustivamente, em vez de discutir se vocês ou eu acreditamos em Mestres.

Em primeiro lugar, para compreender a verdade têm que permanecer sozinhos, inteiramente e integralmente sozinhos. Nenhum Mestre, nenhum guru, nenhum sistema, nenhuma autodisciplina jamais levantará para vocês o véu que oculta a sabedoria. A sabedoria é a compreensão dos valores duradouros e o viver desses valores. Ninguém os pode conduzir à sabedoria. Isso é óbvio, não é? Nem precisamos de o discutir. Ninguém os pode forçar, nenhum sistema os pode instar a libertarem-se do instinto de possessividade até que vocês próprios voluntariamente compreendam, e nessa compreensão há sabedoria. Nenhum Mestre, nenhum guru, nenhum professor, nenhum sistema os pode forçar a essa compreensão. Somente o sofrimento que vocês próprios experimentam pode fazê-los ver o absurdo da posse da qual surge o conflito; e desse sofrimento chega a compreensão. Mas quando procuram uma fuga desse sofrimento, quando procuram refúgio, conforto, então têm que ter Mestres, têm que ter filosofia e crença; então voltam-se para os tais refúgios de segurança como a religião.

Assim com esta compreensão vou responder à vossa questão. Esqueçamos de momento o que a Dra. Besant disse e fez, ou o que eu disse e fiz. Deixemos isso de lado. Não tragam a Dra. Besant para a discussão; se o fizerem, reagirão emocionalmente, aqueles de vocês que têm simpatia pelas suas idéias, e aqueles de vocês que a não têm. Dirão que ela me criou, que sou desleal, e palavras semelhantes que utilizam para mostrar a vossa desaprovação. Coloquemos de lado tudo isto de momento e olhemos para a questão com toda a franqueza e simplicidade.

Em primeiro lugar, querem saber se os Mestres existem. Eu digo que quer eles existam ou não, isso é de muito pouca importância. Agora por favor não pensem que estou a atacar as vossas crenças. Compreendo que estou a falar para membros da Sociedade Teosófica, e que aqui sou o vosso convidado. Mas fizeram-se uma pergunta, e estou simplesmente a respondê-la. Assim vamos considerar o porquê de quererem saber se os Mestres existem ou não. "Porque", dizem para vocês próprios, "os Mestres podem guiar-nos através da confusão tal como um sinal luminoso do farol guia o marinheiro." Mas o fato de dizerem isso mostra que estão apenas à procura de um porto de abrigo, que têm medo do mar alto da vida.

Ou, mais uma vez, podem fazer a pergunta porque querem fortalecer a vossa crença; querem fundamentação, corroboração da vossa crença. Senhores, uma coisa que é um brinquedo, embora tornado belo pela corroboração de milhares de pessoas, permanece um brinquedo. Vocês dizem-me, "Os nossos professores deram-nos fé, mas agora vem lançar a dúvida nessa fé. Por isso queremos saber se os Mestres existem ou não. Por favor fortaleça-nos na nossa crença de que eles existem; diga-nos se o senhor mesmo foi ou não guiado por eles."

Se apenas desejam ser fortalecidos na vossa fé, então eu não posso responder a essa pergunta porque não me limito com a fé. A fé é mera autoridade, cegueira, esperança, anseio; é um meio de exploração, seja aqui ou na Igreja Católica Romana, ou em qualquer outra religião. É um meio de forçar o homem à ação, à ação correta ou incorreta. O fortalecimento da fé não produz compreensão: mais

exatamente, o próprio duvidar dessa fé e a descoberta do seu significado trazem compreensão. Que diferença faria se pudessem ver os Mestres fisicamente todos os dias? Todavia continuariam a agarrar-se aos vossos preconceitos, às vossas tradições, aos vossos hábitos; seriam todavia escravos das vossas crueldades, das vossas crenças fanáticas, tacanhas, da vossa falta de amor, do vosso orgulho na nacionalidade, mas estes vocês conservariam secretamente fechados a sete chaves.

Depois da primeira questão surge a segunda: "Duvida dos mensageiros dos Mestres?" Eu duvido de tudo, porque só através da dúvida se pode descobrir, não através de colocarmos a nossa fé em algo. Mas vocês evitaram cuidadosamente, perseverantemente a dúvida; desfizeram-se dela como de uma grilheta.

Então de novo dirão, "Se eu entrar em contacto com os Mestres, posso descobrir o seu plano para a humanidade." Referem-se a um plano social, um plano para o bem-estar físico do homem? Ou referem-se ao bem-estar espiritual do homem? Se responderem, "Ambos", então eu digo que o homem não pode alcançar o bem-estar espiritual através da atuação de outra pessoa. Isso está inteiramente nas vossas mãos. Ninguém pode planejar isso para outro. Cada homem tem que descobrir por si mesmo, tem que compreender; há plenitude na realização, não no progresso. Mas se disserem, "Procuramos um plano para o bem-estar físico do homem", então têm que estudar economia e sociologia. Então porque não fazer de Harold Laski o vosso mestre, ou de Keynes, ou de Marx ou de Lênin? Cada um destes oferece um plano para o bem-estar do homem. Mas vocês não querem isso. O que vocês querem, quando procuram um Mestre, é abrigo, um refúgio de segurança; querem proteger-se do sofrimento, esconder-se da confusão e do conflito.

Afirmo que não existe tal coisa como um refúgio, como conforto. Podem apenas fazer um refúgio artificial, criado intelectualmente. Porque o fizeram durante gerações, perderam a vossa inteligência criativa. Tornaram-se limitados pela autoridade, estropiados com crenças, com falsas tradições e hábitos. Os vossos corações estão secos, duros. Eis porque apóiam todas as formas de sistemas de pensamento cruéis, que conduzem à exploração. Eis porque encorajam o nacionalismo, porque lhes falta fraternidade. Falam de fraternidade, mas as vossas palavras são desprovidas de sentido enquanto os vossos corações estiverem limitados pela distinção de classes. Vocês que acreditam tão profundamente em todas estas idéias, o que é que vocês têm, o que são vocês? Conchas vazias retumbando palavras, palavras, palavras. Perderam todo o sentido de sentimento pela beleza, pelo amor; apóiam instituições falsas, idéias falsas. Aqueles de vocês que acreditam nestes Mestres, no seu plano, nos seus mensageiros, o que são vocês? Na vossa exploração, no vosso nacionalismo, nos vossos maus-tratos das mulheres e das crianças, na vossa aquisitividade, são tão cruéis como o homem que não acredita em Mestres, no seu plano, nos seus mensageiros. Apenas estabeleceram novas instituições para as antigas, novas crenças para as antigas; o vosso nacionalismo é tão cruel como o antigo, só que vocês têm argumentos mais subtis para as vossas crueldades e exploração.

Enquanto a mente estiver aprisionada na crença, não há compreensão, não há liberdade. Assim, para mim, se os Mestres existem ou não é totalmente irrelevante à ação, à realização, com a que nos deveríamos preocupar. Mesmo

que a sua existência seja um fato, não tem qualquer importância; porque para compreender têm que ser independentes, têm que estar entregues a si próprios, completamente nus, despojados de toda a segurança. Foi isto o que eu disse na minha palestra introdutória. Têm que descobrir se estão à procura de segurança, conforto, ou se estão à procura de compreensão. Se realmente examinarem os vossos próprios corações, a maior parte de vocês descobrirá que procura segurança, conforto, locais de proteção, e que nessa procura se munem de filosofias, gurus, sistemas de autodisciplina; estão assim a frustrar, a restringir continuamente o pensamento. Nos vossos esforços para fugir do medo, entrincheiram-se nas crenças, e aumentando desse modo a vossa própria autoconsciência, o vosso próprio egoísmo; apenas se tornaram mais subtis, mais astutos.

Sei que disse todas estas coisas anteriormente numa forma diferente, mas aparentemente as minhas palavras não tiveram qualquer efeito. Ou querem compreender o que digo, ou estão satisfeitos com as vossas próprias crenças e sofrimentos. Se estão satisfeitos com eles, porque me convidaram para vir aqui falar? Porque me ouvem? Não, fundamentalmente não estão satisfeitos. Podem preconizar que estão satisfeitos; podem associar-se a instituições, efetuar novas cerimônias, mas interiormente sentem uma incerteza, uma dor interminável que nunca se atrevem a enfrentar. Em vez disso, procuram substitutos; querem saber se lhes posso dar novos refúgios, e é por isso que me fizeram esta pergunta. Querem que eu os apóie nessas crenças das quais não têm a certeza. Querem estabilidade interior, mas eu digo-lhes que não existe tal estabilidade. Querem que eu lhes dê certezas, garantias. Eu digo-lhes que têm tais certezas, tais garantias às centenas nos vossos livros, nas vossas filosofias, mas elas não têm qualquer valor para vocês; são pó e cinzas porque no vosso próprio íntimo não há compreensão. Só podem ter compreensão, garanto-lhes, quando começarem a duvidar, quando começarem a questionar precisamente os refúgios em que se confortam, em que se refugiam.

Mas isto significa que têm que entrar em conflito com as tradições e com os hábitos que estabeleceram. Talvez tenham posto de parte as velhas tradições, os velhos gurus, as velhas cerimônias, e tenham aceitado novos. Qual é a diferença? As novas tradições, os novos gurus, as novas cerimônias são exatamente o mesmo que os velhos, exceto que são mais exclusivos. Pelo questionamento constante descobrirão o real, o valor inerente das tradições, dos gurus, das cerimônias. Não lhes estou a pedir que abandonem as cerimônias, que deixem de seguir os Mestres. Esse é um assunto de menor importância e pouco inteligente; se efetuarem cerimônias ou contam com os Mestres para vossa orientação não é importante. Mas enquanto houver falta de compreensão há medo, há sofrimento, e a mera tentativa de encobrir esse medo, esse sofrimento, através de cerimônias, através da orientação dos Mestres, não os libertará.

Já me tinha feito esta pergunta antes; fizeram-me a mesma pergunta no ano passado. E de cada vez que a fazem, fazem-na porque querem refugiar-se por trás da minha resposta; querem sentir-se protegidos, pôr um fim à dúvida. Ora eu posso contradizer a vossa crença; posso dizer que não existem Mestres. Depois chega outro para lhes dizer que os Mestres existem. Eu digo, duvidem de ambas as respostas, questionem ambas: não se limitem a aceitá-las. Vocês não são crianças, macacos a imitar a ação de alguém; são seres humanos, não para serem condicionados pelo medo. Pressupõe-se que sejam criativamente

inteligentes; mas como podem ser criativamente inteligentes se seguem um professor, uma filosofia, uma prática, um sistema de autodisciplina? A vida é rica somente para o homem que se encontra no movimento constante do pensamento, para o homem cujas ações são harmoniosas. Nele há afeto, há consideração. Esse cujas ações são harmoniosas usará um sistema inteligente para curar as feridas do mundo.

Sei que o que estou a dizer hoje já o disse inúmeras vezes; disse-o muitas vezes. Mas vocês não sentem estas coisas porque lhes deram explicações satisfatórias, e nestas explicações, nestas crenças, tomam refúgio, conforto. Só estão preocupados convosco próprios, com a vossa própria segurança, com o vosso próprio conforto, como os homens que lutam por títulos governamentais. Fazem o mesmo de maneiras diferentes, e as vossas palavras de fraternidade, de verdade, nada significam; são apenas conversa oca.

Pergunta: O único desgosto da Dra. Besant diz-se ter sido o fato de que não correspondeu às suas expectativas como o Professor do Mundo. Alguns de nós compartilhamos francamente desse desgosto e desse sentido de desapontamento, e sentimos que de forma alguma é sem qualquer justificação. Tem alguma coisa a dizer?

Krishnamurti: Nada, senhores. (Riso) Quando digo "Nada", quero dizer nada que atenua o vosso desapontamento ou o desapontamento da Dra. Besant – se é que ela estava desapontada, porque muitas vezes me expressou o contrário. Não estou aqui para me justificar; não estou interessado em justificar-me. A questão é, porque estão desapontados, se é que estão? Tinham pensado colocar-me numa certa gaiola, e uma vez que eu não sirvo para essa gaiola, naturalmente ficaram desapontados. Tinham uma idéia preconcebida daquilo que eu deveria fazer, do que deveria dizer, do que deveria pensar.

Eu afirmo que existe a imortalidade, um eterno devir. A questão não é que eu o saiba, mas sim que existe. Tenham cuidado com o homem que diz; "Eu sei." A vida do eterno devir existe, mas para a compreenderem, a vossa mente tem que estar liberta de todas as idéias preconcebidas sobre o que é. Preconceberam idéias de Deus, da imortalidade, da vida. "Isto está escrito em livros", dizem vocês, ou, "Alguém me disse isto." Construíram assim uma imagem da verdade, assim imaginaram Deus e a imortalidade. Querem agarrar-se a essa imagem, a essa impressão, e ficam desapontados com quem quer que seja cuja idéia difere da vossa, com quem quer que seja cujas idéias não se adaptem às vossas. Por outras palavras, se essa pessoa não se tornar a vossa ferramenta, vocês ficam desapontados com ela. Se essa pessoa não os explorar – e vocês criam o explorador com o vosso desejo de segurança – então ficam desapontados com ela. O vosso desapontamento não se baseia no pensamento, não se baseia na inteligência, não se baseia na afeição profunda, mas sim numa qualquer imagem de vossa própria feitura, por mais falsa que possa ser.

Encontrarão pessoas que lhes dirão que as desapontei, e criarão um corpo de opinião sustentando que eu falhei. Mas dentro de cem anos não creio que vá importar muito se estão desapontados ou não. A verdade de que falo, permanecerá – não as vossas fantasias ou os vossos desapontamentos.

Pergunta: Considera um pecado que um homem ou uma mulher se gozem de relações sexuais ilegítimas? Um jovem quer livrar-se de tal felicidade ilegítima que ele considera errada. Tenta continuamente controlar a sua mente mas não consegue. Poderia mostrar-lhe uma maneira prática de ser feliz?

Krishnamurti: Em coisas assim não há "maneiras práticas." Mas consideremos a questão; tentemos compreendê-la, embora não do ponto de vista de um determinado ato ser pecado ou não ser pecado. Para mim não existe tal coisa como o pecado.

Porque é que o sexo se tornou um problema na nossa vida? Porque há tantas distorções, perversões, inibições, repressões? Não será porque estamos esfomeados mental e emocionalmente, porque estamos incompletos em nós próprios, porque apenas nos tornamos máquinas imitativas, e a única expressão criativa deixada para nós, a única coisa na qual podemos encontrar felicidade, é a coisa a que chamamos sexo? Como indivíduos, deixamos de o ser mental e emocionalmente. Somos apenas máquinas na sociedade, na política, na religião. Nós como indivíduos fomos absolutamente, implacavelmente destruídos através do medo, através da imitação, através da autoridade. Não libertamos a nossa inteligência criativa através de canais sociais, políticos e religiosos. Por isso a única expressão criativa que nos foi deixada como indivíduos é o sexo, e a isso atribuímos naturalmente uma tremenda importância, nisso colocamos uma enorme ênfase. Eis porque o sexo se tornou um problema, não é?

Se puderem libertar o pensamento criativo, a emoção criativa, então o sexo deixará de ser um problema. Para libertar completamente, integralmente, essa inteligência criativa, têm que questionar o próprio hábito do pensamento, têm de questionar a própria tradição em que vivem, essas mesmas crenças que se tornaram automáticas, espontâneas, instintivas. Através do questionamento entram em conflito, e esse conflito e a sua compreensão despertarão a inteligência criativa; nesse questionamento gradualmente libertarão o pensamento criativo da imitação, da autoridade, do medo.

Esse é um lado da questão. Também há um outro lado para esta questão, que diz respeito à comida e ao exercício, e ao amor ao trabalho que fazem. Perderam o amor ao vosso trabalho. Tornaram-se empregados de escritório, escravos de um sistema, trabalhando por quinze rupias ou por dez mil rupias, não por amor ao que fazem.

Com respeito à relação sexual ilegítima, consideremos primeiro o que querem dizer com casamento. Na maioria dos casos o casamento é apenas a santificação da possessividade, pela religião e pela lei. Suponham que amam uma mulher; querem viver com ela, possuí-la. Ora a sociedade tem inúmeras leis que os ajudam a possuir, e várias cerimônias que santificam essa possessividade. Um ato que teriam considerado pecaminoso antes do casamento, consideram-no legal após essa cerimônia. Isto é, antes da lei legalizar e da religião santificar a vossa possessividade, consideram o ato da relação sexual ilegal, pecaminoso. Onde há amor, amor verdadeiro, não há qualquer problema de pecado, de legalidade ou ilegalidade. Mas a menos que realmente pensem profundamente sobre isto, a menos que façam um esforço real para não interpretar mal o que eu disse, isso leva-lo-á a todas as espécies de confusão. Temos medo de muitas coisas. Para mim a cessação dos problemas do sexo não reside na mera

legislação, mas em libertar essa inteligência criativa, em ser completo na ação, não separando mente e coração. O problema só desaparece vivendo completamente, integralmente.

Conforme tenho tentado esclarecer, não podemos cultivar o nacionalismo e ao mesmo tempo falar de fraternidade. Creio que foi Hitler quem baniou a idéia de fraternidade da Alemanha porque, disse ele, era antagônica ao nacionalismo. Mas aqui estão vocês a tentar cultivar ambos. No íntimo são nacionalistas, possessivos; faz distinção de classes, e contudo falam sobre a fraternidade universal, sobre a paz mundial, sobre a unidade e a unicidade da vida. Enquanto a vossa ação estiver dividida, enquanto não houver ligação íntima entre pensamento, sentimento e ação, e consciência plena dessa ligação íntima, haverá inúmeros problemas que tomam tal predominância nas vossas vidas que se tornam uma fonte constante de decadência.

Pergunta: O que diz quanto à necessidade de ausência de toda a conformidade, de toda a liderança e autoridade, é um ensinamento útil para alguns de nós. Mas a sociedade e talvez mesmo a religião, juntamente com as suas instituições e um governo sábio, são essenciais para a vasta maioria da raça humana e por isso úteis para ela. Falo a partir de anos de experiência. Discorda desta opinião?

Krishnamurti: O que é veneno para si é veneno para os outros. Se a crença religiosa, se a autoridade é falsa para si, é falsa para toda a gente. Quando vocês consideram o homem como o interlocutor o considera, então retêm e cultivam nele uma mentalidade servil. Isso é o que eu chamo exploração. Essa é a atitude aquisitiva ou capitalista: "O que é benéfico e útil para mim é perigoso para vocês." Assim mantêm como escravos aqueles que estão limitados pela autoridade, pelas crenças religiosas. Vocês não criam novas organizações, novas instituições, para ajudar estes escravos a libertar-se e a não se tornarem novamente escravos de novas organizações e instituições.

Ora eu não me oponho às organizações, mas afirmo que nenhuma organização pode conduzir o homem à verdade. Contudo todas as sociedades religiosas, seitas, e grupos se baseiam na idéia de que o homem pode ser orientado para a verdade. As organizações deveriam existir para o bem-estar do homem, organizações não divididas pela nacionalidade, pela distinção de classes. Esta é a coisa fundamental que resolverá o problema imediato que confronta cada pessoa, o problema da exploração, o problema da fome.

Podem insistir em que, da forma que as pessoas são, têm que estar limitadas pela autoridade. Mas se perceberem que a autoridade é perversora, mutiladora, então combaterão a autoridade; descobrirão novos métodos de educação que ajudem o homem a libertar-se, sem esta praga da distinção. Mas quando olham para a vida de um ponto de vista tacanho, egoísta, fanático, inevitavelmente farão uma pergunta como esta; fazem-na porque têm medo que aqueles sobre os quais têm autoridade já não lhes obedeçam. Esta consideração sobre as massas, sobre a multidão, é muito superficial, falsa; surge do medo, e tem que conduzir inevitavelmente à exploração. Mas se verdadeiramente percebessem o significado da autoridade, da conformação à tradição, de se moldarem a um padrão, de condicionar a vossa mente e o vosso coração por um princípio ou ideal, então ajudariam inteligentemente o homem a libertar-se deles. Então veriam a sua futilidade e o seu efeito degenerativo, não somente em vocês ou

em alguns, mas em toda a raça humana. Por isso ajudariam a libertar o poder criativo no homem, fosse em vocês próprios ou em qualquer outra pessoa, Deixariam de manter esta distinção artificial entre homem e homem, tal como superior ou inferior, evoluído ou não-evoluído. Mas isto não significa que haja ou que venha a haver igualdade; não existe tal coisa. Só existe o homem em realização. Mas a mente que cria distinção porque pensa em si própria como separada é uma mente exploradora, é uma mente cruel, e contra uma mente assim a inteligência sempre deverá estar em revolta.

Palestra: 1 de janeiro, 1934.

Krishnamurti foi engrinaldado por um membro da audiência que lhe desejou um feliz ano novo.

Krishnamurti: Obrigado. Tinha-me esquecido que é um novo ano. Desejo também a todos um feliz ano novo.

Na minha breve palestra desta manhã quero explicar como se pode descobrir por si próprio o que é a verdadeira satisfação. A maior parte das pessoas no mundo está aprisionada numa espécie de insatisfação, e está constantemente à procura de satisfação. Isto é, a sua procura de satisfação é uma procura de um oposto. Ora a insatisfação, o descontentamento, surge do sentimento de vazio, do sentimento de solidão, de tédio, e quando têm esta insatisfação procuram preencher o vácuo, o vazio na vossa vida. Quando estão insatisfeitos estão constantemente à procura de algo que substitua isso que lhes causa insatisfação, algo que sirva de substituto, algo que lhes dê satisfação. Voltam-se para uma série de consecuições, uma série de sucessos, para preencher o vazio doloroso na vossa mente e no vosso coração. É isto o que a maior parte de vocês está a tentar fazer. Se houver medo, procuram coragem que esperam lhes dê contentamento, felicidade.

Nesta procura do oposto, estão a ser destruídos sentimentos profundos. Estão a tornarem-se cada vez mais superficiais, cada vez mais vazios, porque todo o vosso conceito de satisfação, de felicidade, é um conceito de substituição. O anseio, o desejo ardente da maior parte das pessoas é pelo oposto. No vosso desejo ardente de consecução perseguem ideais espirituais, ou procuram ter títulos mundanos conferidos, e ambos significam exatamente a mesma coisa.

Tomemos um exemplo que talvez possa tornar o assunto mais claro; embora, para a maior parte, os exemplos sejam confusos e desastrosos para a compreensão, porque não dão uma percepção clara do abstrato, e a partir do qual somente se pode chegar ao prático. Suponham que eu desejo alguma coisa, e que através dos meus esforços eu finalmente a possuo. Mas esta posse não me dá a satisfação que eu esperava; não me dá uma felicidade duradoura. Assim mudo o meu desejo para uma outra coisa, e possuo isso. Mas mesmo esta coisa nova não me dá satisfação permanente. Então me volto para o afeto, para a amizade; depois para as ideais, e finalmente volto-me para a procura da verdade ou de deus. Este processo gradual da mudança dos objetos de desejo é chamado evolução, crescimento em direção à perfeição.

Mas se realmente pensarem sobre isso, verão que este processo nada mais é que o progresso da satisfação, e por isso um vazio, uma superficialidade sempre crescente. Se prestarem atenção, verão que esta é a substância das vossas vidas. Não há alegria no vosso trabalho, no vosso meio; têm medo, têm inveja das posses dos outros. Daqui surge a luta, e dessa luta surge o descontentamento. Depois, para vencer o descontentamento, para encontrar satisfação, voltam-se para o oposto.

Da mesma maneira, quando mudam os vossos desejos do assim chamado transitório, do não essencial, para o permanente, o essencial, o que fizeram foi apenas mudar de objeto da vossa satisfação, de objeto do vosso ganho. Primeiro era uma coisa concreta, e agora é a verdade. Apenas mudaram o objeto dos vossos desejos; tornando-se por isso mais superficiais, mais frívolos, mais vazios. A vida tornou-se insatisfatória, superficial, efêmera.

Não sei se concordam ou discordam com o que estou a dizer, mas se estiverem dispostos a pensar sobre isso, a discutir e a questionar, verão que o vosso desejo ardente pela verdade, conforme tentei explicar durante estas palestras, é apenas o desejo de gratificação, de satisfação, de anseio por proteção, por segurança. Nesse desejo ardente nunca há realidade. O desejo ardente é superficial, passivo; resulta em nada mais do que em astúcia, em vazio, e em crença inquestionável.

Existe um verdadeiro desejo ardente, um verdadeiro anseio; não é o desejo do oposto, mas o desejo de compreender a causa da própria coisa em que se está aprisionado. Ora vocês estão constantemente a procurar opostos; quando têm medo procuram a coragem como substituto do medo, mas esse substituto não os liberta realmente do medo. Fundamentalmente continuam a ter medo; apenas encobriram esse medo básico com a idéia de coragem. O homem que procura a coragem, ou qualquer outra virtude, está a agir superficialmente, ao passo que se tentasse compreender inteligentemente esta procura de coragem, ele seria conduzido à descoberta da própria causa do medo, o que o libertaria do medo bem como do seu oposto. E esse não é um estado negativo: é a única maneira dinâmica, positiva, de viver.

Qual é, por exemplo, a vossa preocupação imediata quando têm uma dor física? Querem alívio imediato, não querem? Não estão a pensar no momento em que não sentiam dor, nem no momento em que não terão dor. Preocupam-se somente com o alívio imediato dessa dor. Estão à procura do oposto. Estão tão consumidos com essa dor que querem libertar-se dela. Existe a mesma atitude quando todo o vosso ser está consumido pelo medo. Quando tal medo surge, não lhe fujam. Lidem com ele completamente, com todo o vosso ser, não tentem desenvolver coragem. Só então compreenderão a sua causa fundamental, desse modo libertando do medo a mente e o coração.

A civilização moderna ajudou a treinar a vossa mente e coração a não sentirem intensamente. A sociedade, a religião encorajaram-nos na direção do sucesso, deram-lhes esperança na obtenção. E neste processo de sucesso e obtenção, neste processo de consecução e de crescimento espiritual, diligentemente, cuidadosamente, destruíram a inteligência, a profundidade do sentimento.

Quando estão realmente a sofrer, como quando alguém que realmente amam morre, qual é a vossa ação? Estão tão aprisionados nas emoções, nos vossos sofrimentos, que no momento ficam paralisados de dor. E depois o que acontece? Anseiam ter o vosso amigo outra vez. Assim procuram todas as maneiras e meios de chegar a essa pessoa. O estudo da vida depois da morte, a crença na reencarnação, a utilização de médiuns – tudo isto procuram para entrar em contacto com o amigo que perderam. Portanto o que aconteceu? A agudeza de mente e de coração que sentiram na vossa dor tornou-se bronca, morreu.

Por favor tentem acompanhar inteligentemente o que estou a dizer. Mesmo que possam acreditar na vida após a morte, por favor não fechem a vossa mente e o vosso coração àquilo que tenho para dizer.

Desejam ter o amigo que perderam. Ora essa mesma carência destrói a agudeza, a plenitude da percepção. Porque, afinal, o que é o sofrimento? O sofrimento é um choque para os despertar, para os ajudar a compreender a vida. Quando experimentam a morte, sentem absoluta solidão, a perda de apoio; são como o homem que foi privado das suas muletas. Mas se imediatamente procurarem muletas de novo na forma de conforto, companhia, segurança, privam o choque do seu significado. Chega outro choque, e mais uma vez passam pelo mesmo processo. Assim, embora tenham muitas experiências durante a vossa vida, os choques do sofrimento que deveriam despertar a vossa inteligência, a vossa compreensão, são gradualmente embotados pelo vosso desejo e procura de conforto.

Assim utilizam a idéia da reencarnação, da crença na vida após a morte, como uma espécie de droga ou anestésico. Não existe inteligência no fato de se voltarem para esta idéia. Estão apenas a procurar uma fuga do sofrimento, um alívio da dor. Quando falam sobre a reencarnação não estão a ajudar o outro a compreender verdadeiramente a causa da dor; não o estão a ajudar a libertar-se da mágoa. Estão só a dar-lhe um meio de fuga. Se o outro aceita o conforto, a fuga que lhe oferecem, os seus sentimentos tornam-se superficiais, vazios, porque ele se refugia na idéia da reencarnação. Devido a esta plácida garantia que lhe dão, ele deixa de sentir profundamente quando alguém morre, porque entorpeceu os seus sentimentos, insensibilizou os seus pensamentos.

Portanto nesta procura de contentamento, de conforto, os vossos pensamentos e sentimentos tornam-se superficiais, estéreis, triviais, e a vida torna-se uma concha vazia. Mas se virem o absurdo da substituição e perceberem a ilusão do contentamento, com a sua consecução, então há uma grande profundidade no pensamento e no sentimento; então a própria ação revela o significado da vida.

Pergunta: Há muitos sistemas de meditação e de autodisciplina adaptados a diversos temperamentos, e todos eles são destinados a cultivar a mente ou as emoções, ou ambas; porque a utilidade e valor de um instrumento é maior ou menor conforme seja agudo ou embotado. Agora: (1) Acha que todos estes sistemas são igualmente inúteis e perniciosos sem exceção? (2) Como lidaria com as diferenças temperamentais dos seres humanos? (3) Que valor tem para si a meditação com coração?

Krishnamurti: Diferenciem entre concentração e meditação. Ora, quando falam de meditação, a maior parte de vocês refere-se à mera aprendizagem do truque da concentração. Mas a concentração não leva à alegria da meditação. Considerem o que acontece naquilo a que chamam meditação, que é apenas o processo de treinar a mente a concentrar-se num objeto ou idéia específicos. Excluem da vossa mente todos os outros pensamentos ou imagens exceto o que deliberadamente escolheram; tentam focar a vossa mente nessa única idéia, imagem ou palavra. Ora isso é mera contração do pensamento, mera limitação do pensamento. Quando outros pensamentos surgem durante este processo de contração, vocês rejeitam-nos, põem-nos de parte. Assim a vossa mente torna-se cada vez mais limitada, cada vez menos elástica, cada vez menos livre.

Porque querem concentrar-se? Porque vêem uma sedução, uma recompensa, que os espera em resultado da concentração. Querem tornar-se um discípulo, querem encontrar um Mestre, querem desenvolver-se espiritualmente, querem compreender a verdade. Assim a vossa concentração torna-se completamente destrutiva do pensamento e da emoção porque consideram a meditação, a concentração, em termos de obtenção, em termos de fuga da perturbação. Pensem nisso apenas por um momento, aqueles de vocês que praticaram meditação, concentração, durante anos. Têm estado a forçar a vossa mente a ajustar-se a um padrão específico, a conformar-se a uma imagem ou idéia específicas, a moldar-se de acordo com uma idiossincrasia ou com preconceitos específicos. Ora, todas as crenças, ideais, idiossincrasias dependem no gosto-antipatia pessoal. A vossa autodisciplina, a vossa chamada meditação, é apenas um processo pelo qual tentam obter algo em troca. E este algo em troca, esta procura de uma recompensa, também conta para o avultado número de membros das igrejas e das sociedades religiosas: estas instituições prometem um prémio, uma recompensa aos seus seguidores que fielmente adiram à sua disciplina.

Onde existe controlo, não existe meditação de coração. Quando procuram com o fito no ganho, na recompensa, a vossa procura já terminou. Tomem, por exemplo, o caso de um cientista, um grande cientista, não um pseudocientista. Um verdadeiro cientista está continuamente a experimentar sem procurar resultados. Na sua procura há aquilo a que chamamos resultados, mas ele não está limitado por estes resultados, porque está constantemente a experimentar. Nesse preciso momento da experiência ele encontra felicidade. Essa é a verdadeira meditação. A meditação não é procurar um resultado, um subproduto. Tal resultado é meramente acidental, uma expressão exterior dessa grande busca que é extática, eterna.

Ora, em vez de banir cada pensamento que surge, como fazem quando praticam a pretensa meditação, tentem compreender e viver no significado de cada pensamento à medida que lhes surge; façam isto não num período específico, numa hora ou momento específicos do dia, mas durante todo o dia, continuamente. Nessa consciência compreenderão a causa de cada pensamento e o seu significado. Essa consciência libertará a mente dos opostos, da mesquinhez, da futilidade; nessa consciência há liberdade, plenitude de pensamento. É um movimento eterno, sem limitação, e aí existe a verdadeira alegria da meditação; aí há paz de viver. Mas quando procuram um resultado, a vossa meditação torna-se fútil, vazia, como se demonstra pelos vossos atos. Muitos de vocês meditaram durante anos. Que proveito é que isso lhes trouxe? Baniram o vosso pensamento da vossa ação. Em templos, em santuários, em capelas de meditação encheram as vossas mentes com a suposta imagem da verdade, de Deus, mas quando saem para o mundo, as vossas ações nada exibem dessas qualidades que estão a tentar alcançar. As vossas ações são bem o oposto; são cruéis. Exploradoras, possessivas, destrutivas. Assim, nesta procura de prémio, de recompensa, diferenciaram entre pensamento e ação, fizeram uma divisão entre os dois, e a vossa pretensa meditação é vazia, sem fundo, sem a profundidade do sentimento ou da grandeza do pensamento.

Se estiverem constantemente conscientes, plenamente conscientes à medida que surge cada pensamento e cada emoção, nessa chama a vossa ação será o harmonioso resultado do pensamento e do sentimento. Essa é a alegria, a paz da

verdadeira meditação, não este processo de auto-disciplina, torcendo, treinando a mente a conformar-se com uma atitude específica. Tal disciplina, tal distorção, significa apenas decadência, tédio, rotina, morte.

Pergunta: Durante a Convenção Teosófica na semana passada vários líderes e admiradores da Dra. Besant falaram, prestando-lhe homenagem. Qual é o seu tributo e qual é a sua opinião dessa grande figura que foi uma mãe e uma amiga para si? Qual foi a atitude dela para consigo através dos muitos anos da sua tutela do senhor e o seu irmão, e também ulteriormente? Não lhe está grato pela sua orientação, formação, e cuidado?

Krishnamurti: O Sr. Warrington pediu-me amavelmente para falar sobre este assunto, mas eu disse-lhe que não queria fazê-lo. Agora não me condenem usando palavras tais como "tutela, "gratidão", etc. Senhores, o que posso dizer? A Dra. Besant foi nossa mãe, olhou por nós, interessou-se por nós. Mas houve uma coisa que ela não fez. Nunca me disse, "Faz isto", ou "Não faça aquilo." Deixou-me à vontade. Bem, nestas palavras prestei-lhe a maior homenagem. (Aplausos)

Sabem, os seguidores destroem os líderes, e vocês destruíram o vosso. No vosso seguimento de um líder, vocês exploram esse líder; na vossa utilização do nome da Dra. Besant tão constantemente estão apenas a explorá-la. Estão a explorá-la a ela e a outros professores. O pior que podem jamais fazer a um líder é seguir esse líder. Sei que sensatamente acenam com as cabeças em sinal de aprovação. Deixe-me apenas citar o seu nome e santificar a sua memória, e posso explorá-los porque vocês querem ser explorados; querem ser usados como instrumentos, porque isso é mais fácil que pensarem por vocês próprios. Vocês são todos peças de engrenagem, peças de máquinas, sendo usados pelos exploradores. As religiões usam-nos em nome de Deus, as sociedades usam-nos em nome da lei, os políticos e os educadores usam-nos e exploram-nos. Os pretensos professores e guias religiosos exploram-nos em nome das cerimônias, em nome dos Mestres. Eu estou apenas a despertá-los para estes fatos. Podem fazer com eles o que quiserem: com isso não estou preocupado, porque eu não pertencço a qualquer sociedade, e provavelmente não voltarei aqui outra vez.

Comentário da audiência: Mas nós queremos que volte.

Krishnamurti: Por favor não fiquem sentimentais com isto. Provavelmente alguns de vocês ficarão satisfeitos que eu não volte outra vez.

Comentário: Não.

Krishnamurti: Esperem um momento, por favor. Eu não quero que me peçam ou não me peçam para voltar. Isso não importa nada.

Senhores, estas duas coisas são totalmente diferentes: o que vocês estão a pensar e a fazer, e o que eu estou a dizer e a fazer. As duas não podem combinar. Todo o vosso sistema está baseado na exploração, no seguimento da autoridade, na crença na religião e na fé. Não somente o vosso sistema, mas os sistemas do mundo inteiro. Não posso ajudar aqueles de vocês que estão contentes com este sistema. Quero ajudar aqueles que estão ansiosos por se afastar, por compreender. Naturalmente expulsar-me-ão, porque me oponho a

tudo o que amam, que considerem sagrado e que vale a pena. Mas a vossa rejeição não me importará. Não estou ligado a este ou àquele lugar. Repito, o que vocês estão a fazer e o que eu estou a fazer são duas coisas totalmente diferentes que nada têm em comum.

Mas eu estava a responder à questão sobre a Dra. Besant. A mente humana é preguiçosa, letárgica. Tem sido tão entorpecida pela autoridade, tão conformada, controlada, condicionada, que não pode apoiar-se a si própria. Mas apoiar-se a si própria é o único caminho para compreender a verdade. Ora estarão vocês realmente, fundamentalmente interessados em compreender a verdade? Não, a maior parte de vocês não está. Só estão interessados em apoiar o sistema que agora sustêm, em encontrar substitutos, em procurar conforto e segurança; e nessa procura estão a explorar os outros e a ser explorados. Não há nisso felicidade, não há riqueza, não há plenitude. Devido a que levam esta forma de vida, têm que escolher. Quando baseiam a vossa vida seja na autoridade do passado ou na esperança do futuro, quando orientam as vossas ações pela grandeza passada ou pelas idéias passadas de um líder, não estão a viver; estão apenas a imitar, agindo como uma peça de engrenagem numa máquina. E aí de tal pessoa! Para ela a vida não detém qualquer felicidade, qualquer riqueza, mas apenas superficialidade, vazio. Isto me parece tão claro que me surpreende que a questão surja tantas vezes.

Pergunta: Falou em termos claros no assunto da existência de Mestres e do valor das cerimônias. Posso fazer—lhe uma pergunta franca e direta? Está a revelar-nos o seu próprio ponto de vista genuíno sem qualquer reserva mental? Ou a maneira implacável da apresentação da sua opinião é apenas um teste à nossa devoção aos Mestres e à nossa lealdade para com a Sociedade Teosófica à qual pertencemos? Por favor exponha a sua resposta com franqueza, mesmo embora ela possa ser danosa para alguns de nós.

Krishnamurti: O que pensam que eu sou? Não lhes dei uma reação momentânea, disse-lhes o que realmente penso. Se desejarem usar isso como um teste para se fortalecerem, para se entrincheirarem nas vossas velhas crenças, não o posso evitar. Disse-lhes o que pensava, francamente, diretamente, sem dissimulação. Não estou a tentar fazer com que ajam de uma maneira ou de outra, não estou a tentar seduzi-las para qualquer sociedade ou para uma forma específica de pensamento, não lhes aceno com uma recompensa. Disse-lhes com franqueza que os Mestres não são essenciais, que a idéia de Mestre nada mais é que um brinquedo para o homem que realmente procura a verdade. Não estou a tentar atacar as vossas crenças, tenho consciência de que sou aqui um convidado; esta é apenas a minha opinião franca, conforme já o declarei repetidas vezes.

Afirmo que onde há iniquidade há cerimônias, seja em Mylapore ou em Roma ou aqui. Mas porquê discutir mais assunto? Conhecem o meu ponto de vista, visto que já o declarei repetidamente. Dei-lhes as minhas razões quanto à minha opinião em relação aos Mestres e às cerimônias. Mas porque vocês querem Mestres, porque gostam de efetuar cerimônias, porque tal desempenho lhes confere um certo sentido de autoridade, de segurança, de exclusividade, continuam nas vossas práticas. Continuam-nas com fé cega, com cega aceitação, sem razão, sem pensamento ou emoção verdadeiros por trás dos vossos atos. Mas dessa maneira nunca compreenderão a verdade; nunca conhecerão a

cessação do sofrimento. Poderão encontrar esquecimento, mas nunca descobrirão a raiz, a causa do sofrimento e nunca se libertarão dele.

Pergunta: O senhor corretamente condena uma atitude hipócrita da mente e os sentimentos e ações que assim nascem dela. Mas, uma vez que diz que não nos julga, mas de alguma forma parece olhar esta atitude de alguns de nós como hipócrita, pode dizer-nos o que é que lhe dá tal impressão?

Krishnamurti: Muito simples. Falam de fraternidade, e contudo são nacionalistas. Eu chamo a isso hipocrisia, porque o nacionalismo e a fraternidade não podem coexistir. De novo falam da unidade do homem, falam sobre ela teoricamente, e contudo têm as vossas religiões particulares, os vossos preconceitos particulares, as vossas distinções de classes. Eu chamo a isso hipocrisia. Ou ainda, voltam-se para a autoglorificação, para a subtil autoglorificação, em vez de se voltarem para aquilo a que vocês chamam a grosseira autoglorificação dos homens mundanos que procuram distinções, concessões, honras governamentais. Vocês também são homens mundanos, e a vossa autoglorificação é exatamente a mesma, apenas um pouco mais subtil. Vocês, com as vossas distinções, as vossas reuniões secretas, a vossa exclusividade, também estão a tentar tornar-se nobres, a tentar alcançar honras e posição social, mas num mundo diferente. A isso eu chamo hipocrisia. É hipocrisia porque fingem ser abertos, porque falam da fraternidade e da unidade do homem, enquanto ao mesmo tempo os vossos atos são totalmente o oposto das vossas palavras.

Se o fazem consciente ou inconscientemente isso não tem qualquer importância. O fato é que o fazem. Se o fizerem conscientemente, com um interesse plenamente desperto, então, pelo menos, fazem-no sem hipocrisia. Então sabem o que estão a fazer. Se disserem, "Eu quero glorificar-me, mas uma vez que não posso obter distinções e honras neste mundo, tentarei adquiri-las noutra; tornar-me-ei um discípulo, chamar-me-ão isto e aquilo, serei honrado com um homem de qualidades, um homem de virtude", então, pelo menos, são perfeitamente honestos. Então há alguma esperança de que venham a descobrir que este processo não leva a lugar nenhum.

Mas agora estão a tentar fazer duas coisas incompatíveis ao mesmo tempo. São possessivos, e ao mesmo tempo falam da ausência de posse. Falam de tolerância, e contudo estão a tornar-se cada vez mais exclusivos para "ajudar o mundo". Palavras, palavras sem profundidade. Isto é o que eu chamo hipocrisia. Num momento falam do amor a um Mestre, de reverência a um ideal, a uma crença, a um Deus, e contudo no momento seguinte agem com terrível crueldade. Os vossos atos são atos de exploração, possessividade, nacionalismo, maus-tratos a mulheres e crianças, crueldade com os animais. A tudo isto são insensíveis, contudo falam de afeto. Não é isso hipocrisia? Dizem, "Não notamos estas situações." Sim, é precisamente por isso que elas existem. Então porquê falar de amor?

Portanto para mim, as vossas sociedades, as vossas reuniões em que falam das vossas crenças, dos vossos ideais, são reuniões de hipocrisia. Não é assim? Não estou a falar cruelmente, antes pelo contrário; vocês sabem o que sinto sobre o estado do mundo. Contudo vocês que podem ajudar, vocês que dizem que querem ajudar, vocês que estão a tentar ajudar, estão a tornar-se cada vez mais tacanhos, cada vez mais intolerantes, sectários. Deixaram de gritar, de chorar,

de sorrir. A emoção nada significa para vocês. Estão somente interessados no ganho interminável, na obtenção de conhecimento que é sufocante, que é meramente teórico, que é um vazio cego. O conhecimento nada tem a ver com a sabedoria. A sabedoria não pode ser comprada; é natural, espontânea, livre. Não é uma mercadoria que possam comprar ao vosso guru, ao vosso professor, ao preço da disciplina. A sabedoria, afirmo, nada tem a ver com o conhecimento. Contudo procuram o conhecimento, e nessa procura de conhecimento, de ganho, estão a perder o amor, todo o sentido de sentimento pela beleza, toda a sensibilidade para com a crueldade. Estão a tornar-se cada vez menos sensíveis.

Isto traz-nos a uma outra questão que talvez devêssemos discutir mais tarde, a questão das impressões e das reações. Estão a enfatizar a consciência do ego, a limitação. Quando dizem, "Faço isto porque gosto, porque me dá satisfação, prazer", estou inteiramente convosco, porque então compreenderão. Mas se disserem, "Estou à procura da verdade; estou a tentar ajudar a raça humana", e se ao mesmo tempo aumentam a vossa autoconsciência, a vossa glória, então chamo à vossa atitude e à vossa vida uma hipocrisia porque estão à procura de poder através da exploração de outros.

Pergunta: A verdadeira crítica, segundo o senhor, exclui a mera oposição, o que vem a dar o mesmo que dizer que ela exclui toda a queixa, tendência para criticar, ou crítica destrutiva. Não é então a crítica, no sentido que lhe dá, o mesmo que o pensamento puro direcionado para aquilo que está a ser considerado? Se assim é, como pode a capacidade para a verdadeira crítica ou pensamento puro ser estimulada ou desenvolvida?

Krishnamurti: Para despertar a tal verdadeira crítica sem oposição têm que saber primeiro que não são verdadeiramente críticos, que não estão a pensar claramente. Essa é a primeira consideração. Para despertar o pensamento claro, tenho que saber primeiro que não estou a pensar abertamente. Por outras palavras, tenho que me tornar consciente do que estou a pensar e a sentir. Somente então posso saber se estou a pensar verdadeiramente ou falsamente. Não é assim? Quando dizem que são críticos, estão apenas a opor-se através do preconceito, através do gosto e antipatia pessoais, através de reações emocionais. Nesse estado dizem que estão a pensar claramente, que são críticos. Mas eu afirmo que para serem inteligentemente críticos têm que estar livres deste preconceito pessoal, desta oposição pessoal. E para serem inteligentemente críticos, têm que compreender primeiro que o vosso pensamento é influenciado, limitado, fanático, pessoal, mesmo que não tenham estado conscientes desta dependência. Portanto primeiro têm que se tornar conscientes disto.

Vêem como a tensão desta audiência desceu. Ou estão cansados, ou não estão tão interessados neste assunto como o estão nas cerimônias e nos Mestres. Não vêem a importância da crítica porque as vossas capacidades para duvidar, para questionar, foram destruídas através da educação, através da religião, através das condições sociais. Têm medo que a dúvida e a crítica arruinem a estrutura da crença que tão cuidadosamente edificaram. Sabem que as ondas da dúvida debilitarão o alicerce da casa que construíram nas areias da fé. Têm medo da dúvida e do questionamento. Eis porque o vosso interesse, a vossa tensão, abrandaram. Mas a tensão é necessária para a ação; sem uma tensão assim

nada farão seja no mundo físico ou no mundo do pensamento e do sentimento, que são todos um.

Portanto em primeiro lugar têm que se tornar conscientes de que estão a pensar muito pessoalmente, que o vosso pensamento é dominado pelo gosto e antipatia, pelas reações de prazer e dor. Agora dizem para si próprios, "Gosto da sua aparência; por isso seguirei o que ensina." Ou, de outro, "Não gosto das suas crenças, por isso não o escutarei. Nem mesmo tentarei descobrir se o que ele diz tem qualquer valor intrínseco; simplesmente opor-me-ei a ele." Ou, ainda, "Ele é um professor de autoridade, e por isso tenho que lhe obedecer." Através de tal pensamento, com tais atitudes, estão gradualmente mas seguramente a destruir todo o sentido de verdadeira inteligência, todo o pensamento criativo. Estão a tornar-se máquinas cuja única atividade é a rotina, cuja única finalidade é o tédio e a ruína. Contudo questionam porque sofrem, e procuram uma disciplina pela qual possam fugir a esse sofrimento.

Pergunta: Quais são as regras e princípios da sua vida? Uma vez que, presumivelmente, estão baseados na sua própria idéia de amor, beleza, verdade, e Deus, qual é essa idéia?

Krishnamurti: Quais são as minhas regras e princípios de vida? nenhuns. Por favor acompanhem o que eu digo, crítica e inteligentemente. Não objetem, "Não devemos ter regras? Caso contrário a nossa vida seria um caos." Não pensem em termos de opostos. Pensem intrinsecamente em relação ao que estou a dizer. Porque querem regras e princípios? Porque os querem, vocês que têm tantos princípios pelos quais moldam, controlam, orientam as vossas vidas? Porque querem regras? "Porque", respondem vocês, "não podemos viver sem elas. Sem regras e princípios faríamos exatamente as coisas que quiséssemos fazer; poderíamos comer de mais ou abusar do sexo, possuir mais do que deveríamos. Temos que ter princípios e regras pelas quais orientar as nossas vidas." Por outras palavras, para se refrearem sem compreensão, têm que ter estes princípios e regras. Esta é toda a estrutura artificial das vossas vidas – restrição, controle refreamento – porque por trás desta estrutura está a idéia de ganho, de segurança, de conforto, que causa medo.

Mas o homem que não está a procura de aquisitividade, o homem que não está aprisionado na promessa de recompensa ou na ameaça do castigo, não necessita de regras: o homem que tenta viver e compreender cada experiência completamente não precisa de princípios e regras, pois só as crenças condicionantes requerem conformidade. Quando o pensamento estiver liberto, incondicional, conhecer-se-á então como eterno. Querem controlar o pensamento, moldá-lo e dirigi-lo, porque estabeleceram uma meta, uma conclusão em direção à qual desejam ir, e essa finalidade é sempre o que desejam que ela seja, embora a possam chamar Deus, perfeição, realidade.

Perguntam-me a respeito da minha idéia de Deus, da verdade, da beleza, do amor. Mas eu digo, se alguém descrever a verdade, se alguém lhes disser a natureza da verdade, tenham cuidado com essa pessoa. Porque a verdade não pode ser descrita; a verdade não pode ser medida em palavras. Acenam as vossas cabeças em assentimento, mas amanhã estarão de novo a tentar medir a verdade, a tentar encontrar uma descrição dela. A vossa atitude com respeito à vida baseia-se no princípio de criar um molde, e depois se enquadram nesse

molde. O Cristianismo oferece-lhes um molde, o Hinduísmo oferece outro, o Budismo, a Teosofia oferecem ainda outros. Mas para que querem um molde? Porque prezam idéias preconcebidas? Tudo o que podem conhecer é a dor, o sofrimento e as alegrias transitórias. Mas querem fugir deles; não tentam compreender a causa da dor, a profundidade do sofrimento. Viram-se antes para o seu oposto para se consolarem. No vosso sofrimento, dizem que Deus é amor, justiça, e moldam-se segundo esse padrão. Mas só podem compreender o amor quando deixarem de ser possessivos; da possessividade surge todo o sofrimento. Contudo o vosso sistema de pensamento e emoção está baseado na possessividade; assim como podem saber do amor?

Portanto a vossa primeira preocupação será a de libertar a mente e o coração da possessividade, e só podem fazer isso quando essa possessividade se tornar um veneno para vocês, quando sentirem o sofrimento, a agonia que esse veneno causa. Agora estão a tentar fugir desse sofrimento. Querem que eu lhes diga qual é o meu ideal de amor, o meu ideal de beleza, para que possam fazer dele um outro padrão, uma outra norma, ou para comparar o meu ideal com o vosso, esperando desse modo compreender. A compreensão não chega através da comparação. Eu não tenho nenhum ideal, nenhum padrão. A beleza não está separada da ação. A verdadeira ação é a própria harmonia de todo o vosso ser. O que é que isso significa para vocês? Nada significa a não ser palavras vazias, porque as vossas ações são desarmoniosas, porque pensam uma coisa e fazem outra.

Somente podem encontrar liberdade duradoura, verdade, beleza, amor, que são uma e a mesma coisa, quando deixarem de a procurar. Por favor tentem compreender o que estou a dizer. O que quero dizer só é subtil no sentido de que pode ser levado a cabo infinitamente. Eu digo que a vossa própria procura está a destruir o vosso amor, a destruir o vosso sentido de beleza, de verdade, porque a vossa procura é apenas uma fuga, uma evasão do conflito. E a beleza, o amor, a verdade, essa divindade da compreensão, não se encontram fugindo do conflito; residem no próprio conflito.

Palestra: 2 de janeiro, 1934.

Esta manhã quero explicar-lhes algo que requer um pensamento muito delicado; e espero que ouçam, ou antes, tentem compreender o que vou dizer, não com oposição mas com crítica inteligente. Vou falar de um assunto que, se compreendido, se minuciosamente estudado, lhes dará uma perspectiva inteiramente nova da vida. Também lhes pedia que não pensassem em termos de opostos. Quando eu digo que a certeza é uma barreira, não pensem por isso que têm que ser indecisos; quando falo da futilidade da segurança, por favor não pensem que têm que procurar a insegurança.

Quando realmente prestarem atenção, perceberão que a mente está constantemente à procura de certezas, de garantias; procura a certeza de uma meta, de uma conclusão, de um objetivo na vida. Vocês inquirem, "Existe um plano divino, existe a predeterminação, não existe o livre arbítrio? Não podemos, apercebendo-nos desse plano, tentar compreendê-lo, orientar-nos por esse plano?" Por outras palavras, querem garantias, certeza, para que a mente e o coração se possam moldar-se-lhe, possam conformar-se-lhe. E quando inquirem sobre o caminho para a verdade, estão realmente a procurar garantia, certeza, segurança.

Quando falam de um caminho para a verdade, isso implica que a verdade, essa realidade viva, não esteja no presente, mas algures na distância, algures no futuro. Ora para mim, verdade é realização, e para a realização não pode haver qualquer caminho. Portanto parece, pelos menos a mim, que a primeira ilusão em que são apanhados é este desejo de garantia, este desejo de certeza, esta interrogação sobre um caminho, uma maneira, um modo de viver pelo qual possam alcançar a meta desejada, que é a verdade. A vossa convicção de que a verdade só existe no futuro distante implica imitação. Quando perguntam o que é a verdade, estão na realidade a pedir que lhes digam o caminho que leva à verdade. Então querem saber qual o sistema a seguir, qual o modo, qual a disciplina, para os ajudar no caminho para a verdade.

Mas para mim não há caminho para a verdade; a verdade não é para se compreender através de nenhum sistema, através de nenhum caminho. Um caminho implica uma meta, um fim estático, e por isso um condicionamento da mente e do coração por esse fim, o qual necessariamente requer disciplina, controlo, aquisitividade. Esta disciplina, este controle, torna-se um fardo; rouba-lhes a liberdade e condiciona a vossa ação na vida diária. Inquirir sobre a verdade implica uma meta, um fim estático, que estão a procurar. E o fato de procurarem uma meta mostra que a vossa mente está à procura de garantia, de certeza. Para alcançar esta certeza, a mente deseja um caminho, um sistema, um método que possa seguir, e pensam encontrar esta garantia condicionando a mente e o coração através da autodisciplina, do autocontrole, do refreamento.

Mas a verdade é uma realidade que não pode ser compreendida seguindo qualquer caminho. A verdade não é um condicionamento, uma conformação da mente e do coração, mas uma realização constante, uma realização na ação. O fato de inquirirem sobre a verdade implica que acreditem num caminho para a

verdade, e esta é a primeira ilusão em que são apanhados. Há nisso um espírito de imitação, de distorção. Agora por favor não digam, "Sem um fim, um objetivo, a vida torna-se caótica." Quero explicar-lhes a falsidade desta idéia. Eu digo que toda a gente deve descobrir por si só o que é a verdade, mas isto não significa que cada um deva traçar um caminho para si, que cada um tenha que percorrer um caminho individual. Não significa isso de maneira nenhuma, mas significa sim que cada um deve compreender a verdade por si mesmo. Espero que vejam a diferença entre as duas coisas. Quando têm que compreender, que descobrir, que experimentar com a vida, um caminho torna-se um impedimento. Mas se tiverem que talhar um caminho para vocês, então há um ponto de vista individual, um estreito e limitado ponto de vista. A verdade é o movimento do eterno devir, portanto não é um fim, não é estática. Por isso a procura de um caminho nasce da ignorância, da ilusão. Mas quando a mente é flexível, está liberta de crenças e memórias, está liberta do condicionamento da sociedade, então nessa ação, nessa flexibilidade, existe o movimento infinito da vida.

Um verdadeiro cientista, conforme disse no outro dia, é aquele que experimenta continuamente, sem um resultado em vista. Ele não procura resultados, que são apenas o derivado da sua busca. Portanto quando estão a procurar, a experimentar, a vossa ação torna-se apenas um derivado deste movimento. Um cientista que procura um resultado não é um verdadeiro cientista. Não está verdadeiramente a procurar. Mas se ele estiver a procurar sem a idéia de obtenção, então, embora possa ter resultados na sua busca, estes resultados são de importância secundária para ele. Ora vocês estão preocupados com resultados, e por isso a vossa procura não é viva, dinâmica. Vocês procuram um fim, um resultado, e por isso a vossa ação se torna cada vez mais limitada. Somente quando procuram sem desejo de sucesso, de consecução, é que a vossa vida se torna continuamente livre, rica. Isto não significa que na vossa procura não haverá ação, não haverá resultado; significa que a ação, os resultados, não serão a vossa primeira consideração.

Tal como um rio rega as árvores que crescem nas suas margens, assim este movimento de procura nutre as vossas ações. A ação cooperativa, a ação conjunta, é a sociedade. Querem criar a sociedade perfeita. Mas não pode existir tal sociedade perfeita, porque a perfeição não é um fim, uma culminação. A perfeição é realização, constantemente em movimento. A sociedade não pode viver de acordo com um ideal; nem o pode o homem, porque a sociedade é o homem. Se a sociedade tenta moldar-se de acordo com um ideal, se o homem tenta viver de acordo com um ideal, nenhum dos dois está verdadeiramente a realizar-se; ambos estão em decadência. Mas se o homem estiver neste movimento de realização, então a sua ação será harmoniosa, completa; a sua ação não será a mera imitação de um ideal.

Portanto para mim, a civilização não é uma consecução mas um movimento constante. As civilizações atingem um determinado auge, existem durante um tempo, e depois declinam, porque nelas não há realização para o homem, mas somente a imitação constante de um padrão. Só há plenitude, realização, quando a mente e o coração estão em constante movimento de realização, de procura. Agora não digam, "Nunca haverá um fim para a procura?" Já não estão a procurar uma conclusão, uma certeza; por isso viver não é uma série de culminações, mas um movimento contínuo, realização. Se a sociedade está apenas a aproximar-se de um ideal, em breve decairá. Se a civilização for uma

mera consecução de indivíduos concentrados como grupo, já está em processo de declínio. Mas se a sociedade, se a civilização, for o resultado deste movimento constante na realização, então perdurará, será a plenitude do homem.

Para mim, a perfeição não é a consecução de uma meta, de um ideal, de um absoluto, através desta idéia de progresso. A perfeição é a realização do pensamento, da emoção, e por isso da ação – realização esta que pode existir a todo o momento. Por isso a perfeição está liberta do tempo; não é o resultado do tempo.

Bem, senhores, há muitas perguntas, e tentarei respondê-las o mais concisamente possível.

Pergunta: Se rebentasse uma guerra amanhã e a lei de recrutamento entrasse em vigor de imediato para o obrigar a pegar nas armas, alistar-se-ia no exército e gritaria; “às armas, às armas!” como os líderes da Sociedade Teosófica fizeram em 1914, ou opunha-se à guerra?

Krishnamurti: Não nos preocupemos com o que os líderes Teosóficos fizeram em 1914. Onde há nacionalismo tem que haver guerra. Onde há vários governos soberanos tem que haver guerra. É inevitável. Pessoalmente eu não me ligaria a atividades de guerra de nenhuma espécie porque não sou nacionalista, não tenho espírito de classes, nem sou possessivo. Não me alistaria no exército nem ajudaria de qualquer forma. Não me juntaria a qualquer organização que existisse apenas com o propósito de curar os feridos e mandá-los de volta para o campo de batalha para serem feridos outra vez. Mas chegaria a um acordo sobre estes assuntos antes que a guerra ameaçasse.

Agora, pelo menos de momento, não há nenhuma guerra efetiva. Quando a guerra chega, faz-se propaganda inflamada, contam-se mentiras sobre o suposto inimigo; o patriotismo e o ódio são fomentados, as pessoas perdem a cabeça na suposta devoção ao seu país. “Deus está do nosso lado”, gritam, “e o diabo com o inimigo”. E durante os séculos têm gritado estas mesmas palavras. Ambos os lados lutam em nome de Deus; em ambos os lados os sacerdotes abençoam – idéia maravilhosa – o armamento. Agora até abençoarão os bombardeiros, tão consumidos estão por essa doença que cria a guerra: o nacionalismo, a sua própria classe ou a segurança individual. Portanto, enquanto estamos em paz – embora “paz” seja uma palavra estranha para descrever a mera cessação das hostilidades armadas – enquanto não estamos, em qualquer caso, realmente a matar-nos uns aos outros no campo de batalha, podemos compreender quais são as causas da guerra, e desembaraçar-nos dessas causas. E se forem claros na vossa compreensão, na vossa liberdade, com tudo o que essa liberdade implica, que podem ser mortos a tiro por se recusarem a seguir a mania da guerra – então agirão verdadeiramente quando o momento chegar, seja qual for a vossa ação.

Portanto a questão não é o que farão quando a guerra chegar, mas o que estão agora a fazer para impedir a guerra. Vocês que estão sempre a gritar-me devido à minha atitude negativa, o que estão a fazer para exterminar a própria causa da guerra? Estou a falar da verdadeira causa das guerras, não somente da guerra imediata que inevitavelmente ameaça enquanto cada nação armazena armamento. Enquanto existir o espírito do nacionalismo, o espírito da diferença

de classes, da particularidade e da possessividade, tem que haver guerra. Não a podem evitar. Se realmente estiverem a enfrentar o problema da guerra, como deveriam estar agora, terão que tomar uma ação definitiva, uma ação definitiva e positiva; e pela vossa ação ajudarão a despertar a inteligência, que é a única medida preventiva para a guerra. Mas para o fazerem, têm que se libertar desta doença do "o meu Deus, o meu país, a minha família, a minha casa."

Pergunta: Qual é a causa do medo, particularmente do medo da morte? É possível ficar-se alguma vez completamente livre desse medo? Porque é que o medo existe universalmente, mesmo embora o senso comum seja contra ele, considerando que a morte é inevitável e é uma ocorrência perfeitamente natural?

Krishnamurti: Para aquele que se realiza constantemente não existe o medo da morte. Se formos realmente completos a cada momento, a cada dia, então não conhecemos o medo do amanhã. Mas as nossas mentes criam a incompletude da ação, e portanto o medo do amanhã. Temos sido treinados pela religião, pela sociedade, para a incompletude, para a protelação, e isto serve-nos de evasão ao medo, porque temos o amanhã para completar o que não podemos realizar hoje.

Mas só um momento, por favor. Gostaria que olhassem para este problema não a partir do pano de fundo das vossas tradições, modernas ou antigas, nem através do vosso comprometimento com a reencarnação, mas de uma forma muito simples. Então compreenderão a verdade, que os libertará completamente do medo. Para mim a idéia da reencarnação é uma mera protelação. Mesmo embora possam acreditar profundamente na reencarnação, ainda têm medo e sentem mágoa quando alguém morre, ou temem a vossa própria morte. Podem dizer, "Viverei no outro lado; serei muito mais feliz, e farei melhor trabalho do que posso fazer aqui." Mas as vossas palavras são apenas palavras. Não podem silenciar o medo torturante que está sempre no vosso coração. Portanto procuremos antes resolver este problema do medo do que a questão da reencarnação. Quando tiverem compreendido o que é o medo, verão a insignificância da reencarnação; então nem mesmo precisaremos de a discutir. Não me perguntem o que acontece após a morte ao homem que é estropeado, ao homem que está cego na vida. Se compreenderem o ponto central, considerarão então estas questões inteligentemente.

Vocês têm medo da morte porque os vossos dias são incompletos, porque nunca há realização nas vossas ações. Não é assim? Quando a vossa mente é aprisionada numa crença, uma crença no passado ou no futuro, não podem compreender a experiência na íntegra. Quando a vossa mente é preconceituosa, não pode haver compreensão completa da experiência em ação. Por isso dizem que têm que ter o amanhã para completar essa ação, e têm medo que esse amanhã não chegue. Mas se puderem completar a ação no presente, então a infinidade está perante vocês. O que os impede de viver completamente? Por favor não me perguntem como completar a ação, que é o lado negativo de olhar para a vida. Se eu lhes disser, então vocês apenas fariam a vossa ação imitativa, e nisso não há plenitude. O que terão de fazer é descobrir o que os impede de viver completamente, infinitamente; e isso, descobrirão vocês, é esta ilusão de um fim, de uma certeza, na qual a mente está aprisionada, esta ilusão de alcançar uma meta. Se estiverem constantemente a olhar para o futuro para alcançar, para obter, para serem bem sucedidos, para conquistar, a vossa ação

no presente tem que ser limitada, tem de ser incompleta. Quando a vossa ação se baseia na fé, essa ação não é realização; é apenas o resultado da fé.

Portanto há muitos impedimentos nas nossas mentes; há o instinto de possessividade, cultivado pela sociedade, e o instinto de não-possessividade, também cultivado pela sociedade. Quando há conformidade e imitação, quando a mente está limitada pela autoridade, não pode haver realização, e daqui surge o medo da morte, e os muitos outros medos que jazem escondidos no subconsciente. Fui claro na minha resposta? Trataremos de novo deste problema, de uma maneira diferente.

Pergunta: Como surge a memória, e quais são os diferentes tipos de memória? O senhor disse, "No presente está contido o todo da eternidade." Por favor aprofunde mais esta declaração. Significa isso que o passado e o futuro não têm realidade subjetiva para o homem que vive integralmente no presente? Podem os erros passados, ou, como se lhes pode chamar, as lacunas na compreensão, ser ajustadas ou remediadas no presente sempre contínuo no qual a idéia de um futuro pode não ter lugar?

Krishnamurti: Se tiverem acompanhado a resposta anterior, verão como a memória surge. Se não compreenderem um incidente, se não viverem completamente uma experiência, então a memória desse incidente, dessa experiência, detém-se na vossa mente. Quando têm uma experiência que não podem aprofundar totalmente, cujo significado não podem entender, então a vossa mente retorna a essa experiência. Cria-se assim a memória. Nasce, por outras palavras, da incompletude da ação. E uma vez que têm várias camadas de memórias surgindo da incompletude da ação, nasce aquela autoconsciência a que chamam o ego, e que não é senão uma série de memórias, uma ilusão sem realidade, sem substância, quer aqui quer no plano mais elevado.

Existem várias espécies de memória. Por exemplo, existe a memória do passado, como quando se recordam de uma cena bela. Mas estarão interessados nisto? Vejo tantas pessoas a olhar em redor. Se não estiverem realmente interessados em acompanhar isto, discutiremos nacionalismo e golfe ou tênis. (Risos)

Ora bem, há a memória que está associada ao prazer de ontem. Isto é, desfrutaram de uma cena bonita; admiraram o pôr-do-sol ou a luz da lua nas águas. Depois mais tarde, digamos que quando estão no escritório, a vossa mente retorna a essa cena. Porquê? Porque quando estão num meio desagradável e feio, quando a vossa mente e o vosso coração estão apanhados naquilo que não é agradável, a vossa mente tem tendência para automaticamente voltar para a experiência agradável de ontem. Este é um tipo de memória. Em vez de alterarem as condições à vossa volta, em vez de alterar o meio em vosso redor, revocam os passos de uma experiência agradável e residem nessa memória, suportando e tolerando o desagradável porque sentem que não o podem alterar. Por isso o passado se detém no presente. Fui claro?

Depois há a memória, agradável ou desagradável, que se precipita na mente mesmo apesar de não a quererem. Os incidentes passados não convidados chegam à vossa mente porque vocês não estão absolutamente interessados no presente, porque não estão totalmente vivos para o presente.

Outro tipo de memória é a relacionada com crenças, com princípios, com ideais. Todos os ideais e princípios estão realmente mortos, são coisas do passado. A memória dos ideais persiste quando não podem ir ao encontro do total movimento da vida ou compreendê-lo. Querem uma medida para aferir esse movimento, uma norma pela qual julguem a experiência; e à atuação na medida dessa norma chamam viver de acordo com um ideal. Porque não podem compreender a beleza da vida, porque não podem viver na sua plenitude, na sua glória, querem um ideal, um princípio, um padrão imitativo, que dê significado ao vosso viver.

Mais, existe a memória da autodisciplina, que é a força de vontade. A força de vontade nada mais é que memória. Afinal, vocês começam a disciplinar-se através do padrão da memória. "Fiz isto ontem", dizem, "e decidi não o fazer hoje." Portanto a ação, o pensamento, a emoção, na grande maioria dos casos, é inteiramente o resultado do passado; baseia-se na memória. Por isso tal ação nunca é realização. Deixa sempre uma cicatriz da memória, e a acumulação de muitas destas cicatrizes torna-se a autoconsciência, o "eu", que está sempre a impedi-los de compreender completamente. É um círculo vicioso, esta consciência do "eu".

Temos assim inúmeras memórias, memórias de disciplina e de força de vontade, de ideais e de crenças, de atrações agradáveis e de perturbações desagradáveis. Por favor acompanhem o que estou a dizer. Não se deixem perturbar pelos outros. Se isto não lhes interessa, se as vossas mentes estão constantemente a vaguear, também podem ir-se embora. Eu posso continuar, mas o que digo nada significará para vocês se não estiverem a ouvir.

Actuamos constantemente através deste véu de memórias, e por isso a nossa acção é incompleta. Por isso nos confortamos com a ideia de progresso; pensamos numa série de vidas tendendo em direção à perfeição. Assim nunca temos um dia, um momento, de plenitude rica e completa, porque estas memórias estão sempre a impedir, a restringir, a limitar, a dificultar a nossa acção.

Voltando à pergunta: "Significa isso que o passado e o futuro não têm realidade subjetiva para o homem que vive integralmente no presente?" Não me façam essa pergunta. Se estiverem interessados, se quiserem erradicar o medo, se realmente quiserem viver amplamente, venerar o dia em que a mente estiver liberta do passado e do futuro, então saberão como viver completamente.

"Podem os erros passados, ou como se lhes pode chamar, as lacunas na compreensão, ser ajustadas ou remediadas no presente sempre contínuo no qual a idéia de um futuro pode não ter lugar?" Compreendem a pergunta? Como não li anteriormente esta pergunta, tenho que pensar à medida que vou avançando. Só podem remediar lacunas passadas na compreensão no presente, pelo menos, essa é a minha opinião. A introspecção, o processo de análise do passado, não produz compreensão, porque não podem ter compreensão de uma coisa morta. Só podem ter compreensão no presente sempre ativo, vivo. Esta pergunta abre um vasto campo, mas não quero entrar em pormenores agora. É somente no momento do presente, no momento de crise, no momento de enorme e intenso questionamento nascido da ação total, que as lacunas passadas na compreensão podem ser solucionadas, destruídas; isto não pode ser feito investigando o

passado, examinando as vossas ações passadas. Deixem-me pegar um exemplo que, espero, tornará o assunto mais claro para vocês. Suponham que têm preconceitos de classe e não têm consciência disto. Mas o treino nessa consciência de classes, a sua memória, permanece convosco, continua a ser uma parte de vocês. Ora para libertarem a mente dessa memória ou treino, não se virem para o passado e digam, "Vou examinar a minha ação para ver se essa ação está limitada pela consciência de classes." Não façam isto, mas antes, nos vossos sentimentos, nas vossas ações, estejam plenamente conscientes, e então esta memória de consciência de classes precipitar-se-á na vossa mente; nesse momento de inteligência desperta, a mente começa a libertar-se da sua dependência.

Mais uma vez, se forem cruéis – e a maior parte das pessoas não tem consciência da sua crueldade – não examinem as vossas ações para descobrir se são cruéis ou não. Dessa maneira nunca descobrirão, nunca compreenderão; porque então a mente estará constantemente a prestar atenção à crueldade e não à ação, e estará por isso a destruir a ação. Mas se estiverem plenamente conscientes na vossa ação, se a vossa mente e coração estiverem completamente vivos na ação, no momento da ação verão que são cruéis. Assim descobrirão a causa real, a própria raiz da crueldade, não os meros incidentes da crueldade. Mas só podem fazer isto na plenitude da ação, quando estão totalmente conscientes na ação. As lacunas na compreensão não podem ser moldadas através da introspecção, através do exame, ou através da análise de um incidente passado. Isto só pode ser feito no momento da própria ação, que deverá ser sempre intemporal. Não sei quantos de vocês compreenderam isto. O problema é na realidade muito simples, e tentarei explicá-lo de uma forma mais simples. Não estou a usar termos filosóficos ou técnicos, porque não conheço nenhuns. Falo com a linguagem do dia-a-dia.

A mente está habituada a analisar o passado, a dissecar a ação para a compreender. Mas eu afirmo que não podem compreender desta maneira, porque tal análise limita a ação. Podem ver-se exemplos concretos de tal limitação da ação aqui na Índia e em qualquer outro lado, casos em que a ação quase cessou. Não tentem analisar a vossa ação. Se quiserem descobrir se têm consciência de classes, se são auto-correctos, se são nacionalistas, intolerantes, limitados pela autoridade, imitativos – se estão realmente interessados em descobrir estes impedimentos, então tornem-se antes plenamente conscientes, tornem-se conscientes do que estão a fazer. Não sejam apenas observantes, não olhem para a vossa ação apenas objetivamente, a partir do exterior, mas tornem-se plenamente conscientes, tanto mentalmente como emocionalmente, conscientes com todo o vosso ser no momento da ação. Então verão que as muitas memórias impeditivas se precipitarão na vossa mente e os impedirão de atuar plenamente, completamente. Nessa consciência, nessa chama, a mente será capaz, sem esforço, de se libertar destes obstáculos passados. Não me perguntem, "Como?" Simplesmente tentem. As vossas mentes estão sempre a pedir um método, perguntando como fazer isto ou aquilo. Mas não há nenhum "como". Experimentem, e descobrirão.

Pergunta: Uma vez que a entrada dos Harijans nos templos ajuda a acabar com uma das muitas formas de divisão entre homem e homem que existem na Índia, apóia este movimento que está a ser zelosamente defendido atualmente neste país?

Krishnamurti: Ora por favor compreendam que eu não estou a atacar qualquer personalidade. Não perguntem, "Está a atacar Ghandiji?" etc. Não penso que o problema da diferença de classes na Índia ou em qualquer outro lugar seja resolvido por se permitir que os Harijans entrem nos templos. A diferença de classes só cessa quando já não houver mais templos, mais igrejas, quando não houver mesquitas e não houver sinagogas; porque a verdade, Deus, não está numa pedra, numa imagem esculpida; não está contida entre quatro paredes. Essa realidade não está em nenhum desses templos, nem reside em qualquer das cerimônias efetuadas neles. Portanto porquê incomodar-se por causa de quem entra e quem não entra nestes templos?

Muitos de vocês sorriem e concordam, mas não sentem estas coisas. Não sentem que a realidade está em todo o lado, em vocês, em todas as coisas. Para vocês, a realidade é um símbolo, seja ele Cristão ou Budista, esteja ele associado a uma imagem ou a nenhuma imagem. Mas a realidade não é um símbolo. A realidade não tem símbolo. Ela é. Não a podem esculpir numa imagem, limitá-la por uma pedra ou por uma cerimônia ou por uma crença. Quando estas coisas já não existirem, as discórdias entre os homens cessarão, bem como quando o nacionalismo – que tem sido cultivado através dos séculos com objetivos de exploração – já não existir, não haverá mais guerras. Os templos, com todas as suas superstições, com os seus exploradores, os sacerdotes, foram criados por vocês. Os sacerdotes não podem existir sozinhos. O sacerdócio pode existir como um meio de vida, mas isso em breve desaparecerá quando as condições económicas mudarem, e os sacerdotes alterarem o seu ofício. A causa, a raiz de todas estas coisas, dos templos, do nacionalismo, da exploração, da possessividade, reside no vosso desejo de segurança, de conforto. A partir da vossa própria aquisitividade, criam inúmeros exploradores, sejam eles capitalistas, sacerdotes, professores, ou gurus, e tornam-se explorados. Enquanto esta aquisitividade, esta auto-segurança existir, haverá guerras, haverá diferença de castas.

Não se podem livrar do veneno apenas discutindo, falando, organizando. Quando vocês, como indivíduos, despertarem para o absurdo, para a falsidade, a hediondez de todas estas coisas, quando realmente sentirem dentro de vocês a grosseira crueldade de tudo isto, só então criarão organizações das quais não se tornem escravos. Mas se não despertarem, nascerão organizações que os farão seus escravos. É isso o que está a acontecer em todo o mundo. Por amor de Deus, despertem para estas coisas, pelo menos aqueles de vocês que pensam! Não inventem novas cerimônias, não criem novos templos, novas ordens secretas. Eles são apenas outras formas de exclusividade. Não pode haver compreensão, sabedoria, enquanto existir este espírito de exclusividade, enquanto estiverem voltados para o ganho, para a segurança. A sabedoria não está na proporção do progresso. A sabedoria é espontânea, natural; não pode resultar do progresso; existe na realização.

Portanto, muito embora todos vocês, Brâmanes e não Brâmanes, sejam autorizados a entrar em templos, isso não dissolverá as diferenças de classe. Porque vocês irão mais tarde que os Harijans; lavar-se-ão mais cuidadosamente ou menos cuidadosamente. Esse veneno da exclusividade, essa influência perniciosa nos vossos corações, não foi extirpada, e ninguém a vai extirpar por vocês. O comunismo e a revolução podem chegar e acabar com todos os templos

deste país, mas esse veneno continuará a existir, só que de uma forma diferente. Não é assim? Não acenem as vossas cabeças em sinal de concordância, porque no momento seguinte estarão a fazer precisamente o contrário do que estou a falar. Não os estou a julgar.

Só há uma maneira de atacar estes problemas, que é fundamentalmente, não superficialmente, sintomaticamente. Se os abordarem fundamentalmente, tem que haver uma revolução tremenda; o pai erquer-se-á contra o filho, o irmão contra o irmão. Será um tempo de luta, de estado de guerra, não de paz, porque há tanta corrupção e decadência. Mas todos vocês querem paz, querem tranqüilidade a qualquer custo, com todo este veneno ulceroso nos vossos corações e mentes. Digo-lhes que quando um homem procura a verdade ele é contra todas estas crueldades, barreiras, explorações; ele não lhes oferece conforto; ele não lhes traz paz. Pelo contrário, ele luta porque vê as muitas falsas instituições, as situações corruptas que existem. Eis porque digo que se estão à procura da verdade têm que estar sozinhos – pode ser contra a sociedade, contra a civilização. Mas infelizmente poucas pessoas estão verdadeiramente a procurar. Não estou a julgá-los. Estou a dizer que as vossas próprias ações deveriam revelar-lhes que estão a edificar mais que a destruir esses muros da diferença de classes; que estão a salvaguardar mais que a demoli-los, a acalentá-los mais que a dilacerá-los, porque estão continuamente à procura de autoglorificação, segurança, conforto, de uma forma ou de outra.

Pergunta: Não se pode alcançar a libertação e a verdade, este cambiante e eterno movimento da vida, mesmo embora se pertença a uma centena de sociedades? Não se pode ter liberdade interior, deixando os elos exteriormente intactos?

Krishnamurti: A realização da verdade nada tem a ver com qualquer sociedade. Por isso pode pertencer ou pode não pertencer. Mas se está a usar as sociedades, corpos sociais ou religiosos, como um meio de compreender a verdade, ficará com um amargo de boca.

“Não se pode ter liberdade interior, deixando os elos exteriormente intactos?”
Sim, mas ao longo desse caminho residem o engano, a auto-ilusão, a astúcia e a hipocrisia, a menos que se seja extremamente inteligente e se esteja constantemente desperto. Podem dizer, “Eu efetuo todas estas cerimônias, pertencço a várias sociedades, porque não quero cortar a minha ligação com elas. Sigo gurus, que sei que é absurdo, mas quero ter paz com a minha família, viver harmoniosamente com o meu próximo e não trazer discórdia a um mundo já confuso.” Mas temos vivido em tais enganos durante tanto tempo, as nossas mentes tornaram-se tão astuciosas, tão sutilmente hipócritas, que agora não podemos descobrir ou compreender a verdade a menos que cortemos estes laços. Embotamos de tal modo as nossas mentes e corações que, a menos que cortemos os laços que nos prendem e por esse motivo criemos um conflito, não podemos descobrir se estamos verdadeiramente livres ou não. Mas um homem de verdadeira compreensão – e há muito poucos – descobrirá por si mesmo. Então não haverá elos que ele deseje ou reter ou quebrar. A sociedade despreza-lo-á, os seus amigos deixa-lo-ão, as suas relações nada terão a ver com ele; todos os elementos negativos se afastarão dele, ele não terá que se afastar deles. Mas esse rumo significa percepção sábia; significa realização na ação, não

protelação. E o homem protelará enquanto a mente e o coração estiverem aprisionados no medo.

Palestra - 3 de janeiro, 1934

Como esta é a minha última palestra aqui, responderei primeiro às questões que me foram colocadas, e depois concluirei com uma pequena palestra. Mas antes de proceder a responder às perguntas, gostaria de agradecer novamente ao Senhor Warrington, o Presidente interino, por me ter convidado para falar em Adyar e pela sua grande amizade.

Conforme disse no início das minhas palestras, não estou realmente interessado em atacar a vossa sociedade. Ao dizer isto não estou a voltar atrás com o que disse. Penso que todas as organizações espirituais são um impedimento para o homem, porque não se pode encontrar a verdade através de nenhuma organização.

Pergunta: Qual é o rumo mais sábio a tomar – proteger e dar abrigo aos ignorantes pelo conselho e orientação, ou deixá-los descobrir através da sua própria experiência e sofrimento, mesmo embora lhes possa levar uma vida inteira a libertarem-se dos efeitos de tal experiência e sofrimento?

Krishnamurti: Eu diria que nenhum; eu diria que os ajudassem a ser inteligentes, o que é uma coisa completamente diferente. Quando querem guiar e proteger os ignorantes, estão realmente a dar-lhes o refúgio que criaram para vocês mesmos. E enveredar pelo ponto de vista oposto, isto é, deixá-los andar à deriva através das experiências, é igualmente insensato. Mas podemos ajudar os outros através da educação – não através desta doença moderna a que chamamos educação, este passar por exames e universidades. Não chamo a isso educação de modo nenhum. É apenas imbecilizar a mente. Mas essa é uma questão diferente.

Se pudermos ajudar os outros se tornarem inteligentes, isso é tudo o que precisamos fazer. Mas essa é a coisa mais difícil do mundo, porque a inteligência não oferece refúgio das lutas e das confusões da vida, nem dá conforto; somente cria compreensão. A inteligência é livre, sem entraves, sem medo ou superficialidade. Podemos ajudar os outros se libertarem de aquisitividade, das muitas ilusões e impedimentos que os aprisionam, somente quando começarmos a libertar-nos. Mas temos esta extraordinária atitude de querer melhorar as massas enquanto somos ainda ignorantes, enquanto estamos ainda presos às superstições, a aquisitividade. Quando começarmos a libertar-nos, então ajudaremos os outros natural e verdadeiramente.

Pergunta: Embora eu concorde consigo quanto à necessidade do indivíduo descobrir as superstições, e mesmo as religiões como tal, não acha que um movimento organizado nessa direção é útil e necessário, particularmente porque na sua ausência os poderosos direitos adquiridos, nomeadamente, os pontífices em todos os locais principais de peregrinação, continuarão a explorar aqueles que estão ainda presos às superstições e aos dogmas e crenças religiosas? Uma vez que não é um individualista, porque não fica conosco e espalha a sua mensagem em vez de ir para outras terras e voltar a nós quando as suas palavras forem provavelmente esquecidas?

Krishnamurti: Conclui portanto que as organizações são necessárias. Explicarei o que quero dizer com organizações. Tem que haver organizações para o bem-estar dos homens, o bem-estar físico do homem, mas não com o objetivo de o conduzir à verdade. Porque a verdade não é para ser encontrada através de nenhuma organização, por nenhum caminho, por nenhum método. Ajudar meramente o homem, através de uma organização, a destruir as suas superstições, as suas crenças, os seus dogmas, não lhe dará compreensão. Ele apenas criará novas crenças no lugar das antigas que vocês destruíram. É isto o que está a acontecer em todo o mundo. Vocês destroem um conjunto de crenças, e o homem cria um outro; vocês retiram um determinado templo, ele cria um outro.

Mas se os indivíduos, a partir da sua compreensão, criarem inteligência à sua volta, se criarem compreensão à sua volta, então as organizações nascerão naturalmente. Ora, nós começamos primeiro com as organizações e depois dizemos, "Como podemos viver e ajustar-nos a todas as exigências destas organizações?" Por outras palavras, pomos as organizações primeiro lugar e depois os indivíduos. Vi isto em cada sociedade: os indivíduos são postos de lado ao passo que a organização, essa coisa misteriosa em que todos vocês trabalham, se torna uma força, um poder esmagador para a exploração. Eis porque sinto que a ausência de superstições, de crenças e de dogmas, só pode começar com o indivíduo. Se o indivíduo realmente compreende, então através da sua compreensão, através da ação dessa compreensão, ele naturalmente criará organizações que não serão instrumentos de exploração. Mas se pusermos a organização em primeiro lugar, como faz a maior parte das pessoas, não estamos a destruir a superstição mas apenas a criar substituições.

Tomemos, por exemplo, o instinto possessivo, A lei santifica-os, abençoa-os, na posse da vossa mulher, dos vossos filhos, e das vossas propriedades; ela honra-os. Depois, se o comunismo chegar, ela honrará a pessoa que nada possui. Ora para mim, ambos os sistemas são a mesma coisa; são o mesmo em termos contrários, em oposição. Quando vocês são forçados a uma determinada ação, conformados, moldados pela circunstância, pela sociedade, por uma organização, nessa ação não há compreensão. Estão apenas a trocar de mestres. As organizações resultarão normalmente se houver pessoas que sentem verdadeiramente e são inteligentes sobre estas coisas. Mas se só estiverem preocupados com a organização, destroem aquele sentimento vital, aquele pensamento inteligente e criativo, porque têm que considerar a organização, o rendimento da organização, e as crenças nas quais está fundada a organização. Têm que considerar todos os compromissos, e por isso nem vocês nem a organização serão jamais fluídos, vivos, flexíveis. A vossa organização é muito mais importante para vocês que a liberdade. Se realmente pensarem sobre isto, verão.

Alguns indivíduos criam organizações a partir do seu entusiasmo, do seu animado interesse, e o resto das pessoas ajustam-se a estas organizações e tornam-se escravos delas. Mas se houvesse inteligência criativa – que mal existe neste país, porque todos vocês são seguidores, dizendo, "Diga-me o que fazer, que disciplina, que método seguir", como os carneiros – se fossem realmente livres, se tivessem inteligência criativa, então daí chegaria a ação; atacariam o problema de modo fundamental, isto é, através da educação, através das escolas, através da literatura, através da arte; não através desta perpétua conversa

sobre organizações. Para ter escolas, para ter o tipo correto de educação, têm que ter organização; mas tudo isso virá naturalmente se os indivíduos, se algumas pessoas, estiverem verdadeiramente despertas, se forem verdadeiramente inteligentes.

“Uma vez que não é um individualista, porque não fica conosco e espalha a sua mensagem em vez de ir para outras terras e voltar a nós quando as suas palavras forem provavelmente esquecidas?” Prometi desta vez ir a outros países, África do Sul, Austrália, Estados Unidos. Mas quando voltar pretendo ficar muito tempo na Índia. (Aplauso) Não se incomodem a aplaudir. Nessa altura quero fazer as coisas de maneira muito diferente.

Pergunta: O que vem primeiro, o indivíduo ou a organização?

Krishnamurti: Isso é muito simples. Estão interessados em fazer um trabalho de remendos, o que implica a modificação do nacionalismo, da diferença de classes, da possessividade, da herança, a luta sobre quem deve entrar nos templos, em fazer uma pequena alteração aqui e ali, ou desejam uma mudança completa, radical? Essa mudança significa ausência de autoconsciência, do “eu” limitado que cria o nacionalismo, o medo, as diferenças, a possessividade. Se perceberem fundamentalmente a falsidade destas coisas, então chega a verdadeira ação. Portanto têm que compreender e atuar. Tal como são, estão apenas a glorificar a autoconsciência, e eu sinto que basicamente todas as sociedades religiosas estão a fazer isso, embora em teoria, nos livros, os seus ensinamentos possam ser diferentes. Sabem, muitas vezes me disseram que os Upanishads estão de acordo com o que eu digo. As pessoas dizem-me, “Está a dizer exatamente o que Buda disse, o que Cristo disse”, ou, “Fundamentalmente está a ensinar aquilo que os Teosofistas representam.” Mas isso é tudo teoria. Têm que pensar realmente sobre isto, têm que ser realmente honestos, francos. Quando digo “honestos”, “francos”, não quero dizer sinceros, porque um tolo pode ser sincero. (Respondendo a uma interrupção) Por favor acompanhem isto. Um lunático que se atém inabalavelmente a uma idéia, a uma crença, é sincero. A maioria das pessoas é sincera, só que tem inúmeras crenças. Em vez de uma, têm muitas, e estão a tentar ser sinceras ao manterem-se fiéis a elas.

Se forem realmente francos, honestos, verão que todo o vosso pensamento e ação se baseiam neste trabalho de remendos, nesta consciência limitada, nesta autoglorificação, neste desejo de se tornarem alguém tanto no mundo espiritual como no mundo físico. Se atuarem e trabalharem com esta atitude, então o que fizerem conduz ao trabalho de remendos; mas se atuarem verdadeiramente, então para vocês toda esta estrutura desaba. Querem para si próprios glorificação, querem proteção, querem segurança, querem conforto; portanto têm que decidir fazer uma coisa ou outra; não podem fazer ambas. Se francamente, honestamente, procurarem obter segurança e conforto, então descobrirão o seu vazio. Se forem realmente honestos com respeito a esta autoglorificação, então perceberão a sua futilidade.

Mas infelizmente as nossas mentes não são claras. Somos preconceituosos, somos influenciados; a tradição e o hábito atam-nos. Temos inúmeros compromissos. Temos organizações a manter. Comprometemo-nos com certas ideais, com certas crenças. E a economia representa um enorme papel nas nossas vidas. Dizemos, “Se eu pensar de modo diferente dos meus sócios, dos

meus vizinhos, posso perder o meu emprego. Então como poderia ganhar a vida?" Portanto continuamos como antes. É a isto que chamo hipocrisia, não enfrentar os fatos diretamente.

Percebam verdadeiramente e atuem; a ação segue a percepção, são inseparáveis. Descubram o que desejam fazer, remendos ou ação completa. Agora estão a colocar ênfase no trabalho, e por isso primeiramente nos remendos.

Pergunta: A reencarnação explica muito do que de outra forma está cheio de mistério e de confusão na vida. Mostra, entre outras coisas, que as relações pessoais grandemente estimadas de uma qualquer encarnação não continuam necessariamente na seguinte. Assim, estranhos são por sua vez relações nossas e vice-versa; isto revela a afinidade da alma humana, um fato que, se devidamente compreendido, deveria ser vantajoso para a verdadeira fraternidade. Por isso, se a reencarnação é uma lei natural e o senhor sabe que assim é; ou, igualmente, se sabe que não existe tal lei, porque não dizê-lo? Porque é que prefere sempre deixar, nas suas respostas, este assunto tão importante e interessante rodeado com o halo de mistério?

Krishnamurti: Não acho que seja importante; não acho que resolva nada fundamentalmente. Não acho que os faça compreender essa unidade fundamental, viva, única, que não é a unidade da uniformidade. Vocês dizem, "Eu casei com alguém na vida passada, e estou casado com uma pessoa diferente nesta vida; não ocasiona isto um sentimento de fraternidade, ou de afeto, ou de unidade?" Que maneira extraordinária de pensar! Preferem a fraternidade de um mistério à fraternidade da realidade. Seriam afetuosos devido ao relacionamento, não porque o afeto é natural, espontâneo, puro. Querem acreditar porque a crença os conforta. Eis porque há tantas diferenças de classes, guerras, e a utilização constante dessa palavra absurda "tolerância". Se não tivessem nenhuma divisão de crenças, nenhum conjunto de ideais, se fossem realmente seres humanos completos, então haveria verdadeira fraternidade, verdadeiro afeto, não esta coisa artificial a que chamam fraternidade.

Tratei da questão da reencarnação tantas vezes que agora falarei dela apenas brevemente. Podem não considerar de nenhum modo o que digo; ou podem examiná-lo, conforme quiserem. Receio que o não considerem – embora isso não importe – porque estão comprometidos com determinadas idéias, com determinadas organizações, limitados pela autoridade, pelas tradições.

Para mim, o ego, essa consciência limitada, é o resultado do conflito. Inerentemente não tem valor; é uma ilusão. Nasce através da falta de compreensão que por sua vez cria conflito, e deste conflito cresce a autoconsciência ou a consciência limitada. Não podem aperfeiçoar essa autoconsciência através do tempo; o tempo não liberta a mente dessa consciência, Por favor não se enganem; o tempo não os libertará desta autoconsciência, porque o tempo é apenas a protelação da compreensão. Quanto mais protelarem uma ação, menos a compreenderão. Só estão conscientes quando há conflito; e no êxtase, na verdadeira percepção, há ação espontânea em que não há conflito. Não estão então conscientes de vocês próprios como uma entidade, como o "eu". Contudo desejam proteger essa acumulação de ignorância a que chamam o "eu", essa acumulação da qual brota a idéia de mais e mais, esse centro de desenvolvimento que não é a vida, que é apenas uma

ilusão. Portanto enquanto contam com o tempo para originar perfeição, a autoconsciência apenas cresce. O tempo nunca os libertará dessa autoconsciência, dessa consciência limitada. O que libertará a mente é a plenitude de compreensão na ação; isto é, quando a vossa mente e coração estiverem a atuar harmoniosamente, quando já não forem preconceituosos, acorrentados a uma crença, limitados por um dogma, pelo medo, pelos falsos valores, então haverá liberdade. E essa liberdade é o êxtase da percepção.

Sabem, seria realmente de grande interesse se um de vocês que acredita tão fundamentalmente na reencarnação discutisse o assunto comigo. Discuti-o com muitas pessoas, mas tudo o que elas são capazes de dizer é, "Nós acreditamos na reencarnação, ela explica tantas coisas"; e isso resolve a questão. Não se pode discutir com pessoas que estão convencidas das suas crenças, que têm a certeza do seu conhecimento. Quando um homem diz que sabe, o assunto terminou; e vocês adoram o homem que diz, "Eu sei", porque a sua declaração positiva, a sua certeza, lhes dá conforto, refúgio.

Se acreditam na reencarnação ou não me parece um assunto muito trivial; essa crença é como um brinquedo, é agradável; não resolve coisa nenhuma, porque é apenas uma protelação. É apenas uma explicação, e as explicações são como a poeira para o homem que está à procura. Mas infelizmente estão sufocados com a poeira, têm explicações para tudo. Para cada sofrimento têm uma explicação lógica, conveniente. Se um homem é cego, tornam compreensível o seu duro fado nesta vida pela reencarnação. As desigualdades na vida explicam-nas satisfatoriamente pela reencarnação, pela idéia de evolução. Portanto, com as explicações, vocês resolveram as muitas questões respeitantes ao homem, e deixaram de viver. A plenitude da vida impede todas as explicações. Para o homem que está realmente a sofrer, as explicações são o mesmo que pó e cinzas. Mas para o homem que procura conforto, as explicações são necessárias e excelentes. Não existe tal coisa como o conforto. Existe só compreensão, e a compreensão não está limitada por crenças ou por certezas.

Vocês dizem, "Eu sei que a reencarnação é verdade." Bem, e depois? A reencarnação, isto é, o processo de acumulação, de crescimento, de obtenção, é apenas o fardo do esforço, a continuação do esforço; e eu afirmo que há uma maneira de viver espontaneamente, sem esta luta constante, e essa é pela compreensão, que não é o resultado da acumulação do desenvolvimento. Esta compreensão, esta percepção, vem àquele que não está limitado pelo medo, pela autoconsciência.

Pergunta: O homem que permanece impassível em face dos perigos e das adversidades na vida, tal como a oposição do seu semelhante a um rumo de ação, é sempre um homem de força de vontade inabalável e de caráter sólido. As escolas públicas em Inglaterra e em qualquer outra parte reconhecem a importância de desenvolver a força de vontade e o caráter, que são geralmente considerados como o melhor equipamento para embarcar na vida, porque a força de vontade assegura o sucesso, e o caráter assegura a sanção moral. O que tem a dizer sobre a força de vontade e o caráter, e qual é o seu valor para o indivíduo?

Krishnamurti: A primeira parte desta pergunta serve de pano de fundo da pergunta propriamente dita que é, "O que tem a dizer sobre a força de vontade e o caráter, e qual é o seu valor para o indivíduo?" Nenhum, do meu ponto de vista.

Mas isso não significa que tenham que ser desprovidos de força de vontade, de caráter. Não pensem em termos de opostos. O que querem dizer com força de vontade? A força de vontade é o resultado da resistência. Se não compreendem uma coisa, querem conquistá-la. Toda a conquista não é senão escravidão e por isso resistência; e dessa resistência cresce a força de vontade, a idéia do "Tenho de e não tenho de". Mas a percepção, a compreensão, liberta a mente e o coração da resistência, e portanto desta batalha constante do "Tenho de e não tenho de."

A mesma coisa se aplica ao caráter. O caráter é somente o poder de resistir às muitas usurpações da sociedade sobre vocês. Quanto mais força de vontade tiverem, maior é a vossa auto-consciência, o "eu", porque o "eu" é o resultado do conflito, e a força de vontade nasce da resistência que cria a auto-consciência. Quando nasce a resistência? Quando vocês procuram a aquisição, a obtenção, quando desejam ser bem sucedidos, quando procuram obter virtude, quando há imitação e medo.

Tudo isto lhes pode parecer absurdo porque estão aprisionados no conflito da aquisição, e naturalmente dirão, "O que pode ser um homem sem força de vontade, sem conflito, sem resistência?" Eu digo que essa é a única maneira de viver, sem resistência, o que não significa não-resistência; não significa não ter força de vontade, não ter propósito, ser levado de cá para lá. A força de vontade é o resultado dos falsos valores; e quando há compreensão do que é verdade, o conflito desaparece e com ele o desenvolver de resistência a que se chama força de vontade. A força de vontade e o desenvolvimento do caráter, que são como o vidro colorido que perverte a luz límpida, não conseguem libertar o homem; não lhes podem dar compreensão. Pelo contrário, limitarão o homem.

Mas uma mente que compreende, uma mente que é flexível, alerta – o que não significa a mente habilidosa de um advogado esperto, um tipo que é tão predominante na Índia, um tipo que é destrutivo – a mente que é flexível, dizia eu, a mente que não está limitada, que não é possessiva, para uma mente assim não há resistência porque ela compreende; ela percebe a falsidade da resistência, porque é como a água. A água assume qualquer forma, e continua ainda a ser água. Mas vocês querem ser conformados segundo um padrão específico porque não têm compreensão completa. Afirmando que quando se realizam, quando atuam completamente, já não procurarão um padrão e já não se esforçarão por se ajustarem a esse padrão, porque na verdadeira compreensão há movimento constante que é a vida eterna.

Pergunta: O senhor disse ontem que a memória, que é o resíduo de ações acumuladas, origina a idéia de tempo e por isso de progresso. Por favor desenvolva mais a idéia com especial referência à contribuição do progresso na felicidade humana.

Krishnamurti: Há progresso no campo da ciência mecânica, progresso no que respeita a máquinas, carros, comodidades modernas, e à conquista do espaço. Mas eu não me refiro a essa espécie de progresso, porque o progresso na ciência mecânica tem que ser sempre transitório; nisso jamais pode haver realização para o homem. Tenho que falar com muita brevidade porque tenho muitas perguntas para responder. Espero que o que digo seja claro; se o não for, continuaremos numa oportunidade posterior.

Não pode haver realização para o homem no progresso mecânico. Haverão carros melhores, aviões melhores, máquinas melhores, mas a realização não pode ser alcançada através do processo contínuo da perfeição mecânica – não que eu seja contra as máquinas. Quando falamos de progresso como o que se aplica ao que nós chamamos o crescimento individual, o que é que queremos dizer? Queremos dizer a aquisição de mais conhecimento, de maior virtude, que não é realização. O que é chamado virtude aqui pode ser considerado um vício noutra sociedade. A sociedade desenvolveu conceitos de bom e mau. Inerentemente não há tal coisa como o bom e o mau. Não pensem em termos de opostos. Têm que pensar profundamente, intrinsecamente.

Para mim, através do progresso não pode haver plenitude de ação, porque o progresso implica tempo, e o tempo não conduz à realização. A realização reside somente no presente, não no futuro. O que os impede de viver completamente no presente? O passado, com as suas muitas memórias e obstáculos.

Colocarei as coisas de maneira diferente. Enquanto houver escolha, tem que haver este pretenso progresso nas coisas essenciais e não-essenciais; mas no momento em que possuírem o essencial, ele já se tornou no não-essencial. E assim continuamos, movendo-nos constantemente do não-essencial para o essencial; que por sua vez se torna o não-essencial, e a esta substituição chamamos progresso. Mas perfeição é realização, que é a harmonia de mente e do coração na ação. Não pode haver tal harmonia se as vossas mentes estiverem aprisionadas por uma crença, por uma memória, por um preconceito, por uma necessidade. Uma vez que estão aprisionados por estas coisas, têm que se libertar delas. E só podem tornar-se livres quando vocês, como indivíduos, tiverem descoberto o seu verdadeiro significado. Isto é, só podem atuar harmoniosamente quando descobrirem o seu verdadeiro significado questionando, duvidando dos seus existentes valores.

Lamento mas tenho que parar agora de responder a perguntas. Muitas perguntas me foram feitas no que respeita à Sociedade Teosófica, se eu aceitaria a presidência se me fosse oferecida, e qual seria a minha política se fosse eleito; se a Sociedade Teosófica, que se empenha em educar as massas e em elevar o nível ético, deveria ser dissolvida; que política defenderia para a comunidade Indo-Britânica, etc. Não me proponho a candidatar-me para a presidência da Sociedade Teosófica porque não pertença a essa Sociedade. Isso não me interessa – não que me ache superior – porque não acredito em organizações religiosas, e também não quero orientar um único homem. Por favor acreditem em mim, senhores, quando digo que não quero influenciar uma única pessoa; porque o desejo de guiar mostra inerentemente que se tem um fim, uma meta, em direção à qual se pensa que toda a humanidade deve chegar como um rebanho de carneiros. É isto o que implica a orientação.

Ora eu não quero instigar nenhum homem em direção a uma meta ou fim específicos; O que quero fazer é ajudá-lo a ser inteligente, e isto é uma coisa totalmente diferente. Portanto não tenho tempo para responder estas inúmeras questões baseadas em tais idéias.

Uma vez que é bastante tarde, gostaria de fazer um resumo do que tenho estado a dizer durante os últimos cinco ou seis dias, e naturalmente tenho que ser

paradoxal. A verdade é paradoxal. Espero que aqueles de vocês que inteligentemente acompanharam o que tenho estado a dizer compreendam e atuem, mas não façam de mim um padrão para as vossas ações. Se o que eu disse não for verdade para vocês, naturalmente esquecê-lo-ão. A menos que tenham realmente aprofundado, a menos que tenham ponderado sobre o que eu disse, simplesmente repetirão as minhas frases, decorarão as minhas palavras, e isso não tem qualquer valor. Para a compreensão, o primeiro requisito é duvidar, duvidar não só com respeito ao que eu disse, mas em primeiro lugar com respeito as idéias que sustentam. Mas fizeram da dúvida um anátema, uma grilheta, um mal a ser banido, a ser posto de lado; fizeram da dúvida uma coisa abominável, uma doença. Mas para mim, a dúvida não é nada disso; a dúvida é um ungüento que cura.

Mas do que é que geralmente duvidam? Duvidam do que o outro diz. É muito fácil duvidar de alguém. Mas duvidar precisamente daquilo em que estão aprisionados, daquilo a que se atêm, duvidar precisamente daquilo que procuram, isso é mais difícil. A verdadeira dúvida não admite substituição. Quando duvidam de outro, como quando alguém disse durante uma destas palestras no outro dia, "Nós duvidamos de si", isso mostra que estão a duvidar do que estou a dar, do que estou a tentar explicar. Muito bem. Mas a vossa dúvida é apenas a procura de substituição. Vocês dizem, "Eu tenho isto, mas não estou satisfeito. Será que aquilo me satisfaz, essa outra coisa que está a oferecer? Para descobrir, tenho que duvidar de si." Mas eu não lhes estou a oferecer nada. Estou a dizer, duvidem da própria coisa que têm entre mãos, que está na vossa mente e no vosso coração; então já não procurarão substituição.

Quando procuram substituição há medo, e por isso um aumento de conflito. Quando têm medo procuram o oposto do medo, que é coragem; tratam de adquirir coragem. Ou, se decidem que são rudes, tratam de adquirir amabilidade, que é uma mera substituição, uma mudança de direção para o oposto. Mas se, em vez de procurarem uma substituição, começarem realmente a inquirir precisamente sobre aquilo em que a vossa está aprisionada – medo, rudeza, aquisitividade – então descobrirão a causa. E só podem descobrir a causa duvidando continuamente, questionando com uma atitude de mente crítica e inteligente, que é uma atitude saudável, mas que foi destruída pela sociedade, pela educação, pelas religiões que os admoestam a banir a dúvida. A dúvida é apenas uma inquirição sobre os valores verdadeiros, e quando tiverem descoberto valores verdadeiros para vocês, a dúvida cessa. Mas para descobrir, têm que ter espírito crítico, têm que ser francos, honestos.

Uma vez que a maior parte das pessoas está à procura de substituição, está apenas a aumentar o seu conflito. E a este aumento de conflito, com o seu desejo de evasão, chamamos progresso, progresso espiritual, porque para nós a substituição ou a fuga é mais aquisição, mais consecução. Assim aquilo a que chamam a busca da verdade é apenas a tentativa de encontrar substitutos, a procura de maiores seguranças, refúgios do conflito mais seguros. Quando procuram refúgios estão a criar exploradores, e tendo-os criado, são apanhados nessa máquina de exploração que diz, "Não faças isto, não faças aquilo, não duvides, não sejas crítico. Segue este ensinamento, porque isto é verdadeiro e aquilo é falso." Portanto quando estão a falar da verdade, estão realmente a pretender substituição; querem repouso, tranquilidade, paz, fugas seguras, e nesta necessidade criam máquinas artificiais e vazias, máquinas intelectuais,

para providenciar esta substituição, para satisfazer esta necessidade. Expressei-me com clareza?

Em primeiro lugar, vocês são apanhados no conflito, e porque não podem compreender esse conflito querem o oposto, repouso, paz, que é um conceito intelectual. Nessa necessidade criaram uma máquina intelectual, e essa máquina intelectual é a religião; está totalmente separada dos vossos sentimentos, da vida quotidiana, e por isso é apenas uma coisa artificial. Essa máquina intelectual também pode ser a sociedade, criada intelectualmente, uma máquina da qual se tornaram escravos e pela qual são implacavelmente espezinhados.

Vocês criaram estas máquinas porque estão em conflito, porque através do medo e da ansiedade são levados ao oposto desse conflito, porque procuram repouso, tranqüilidade. O desejo pelo oposto cria o medo, e desse medo surge a imitação. Assim inventam conceitos intelectuais tais como as religiões, com as suas crenças e padrões, a sua autoridade e disciplinas, os seus gurus e Mestres, para que os conduzam àquilo que querem, que é conforto, segurança, tranqüilidade, fuga deste conflito constante. Criaram esta vasta máquina a que chamam religião, esta máquina intelectual que não tem validade, e também criaram a máquina que se chama sociedade, porque tanto na vossa vida social como na religiosa querem conforto, refúgio. Na vossa vida social são dominados pelas tradições, hábitos, valores inquestionáveis; a opinião pública atua como a vossa autoridade; e a opinião que não é posta em dúvida, o hábito, e a tradição conduzem eventualmente ao nacionalismo e à guerra.

Falam de procurar a verdade, mas a vossa procura é apenas uma procura de substituição, o desejo de maior segurança e maior certeza. Por isso a vossa procura está a destruir isso que procuram, que é paz, não a paz da estagnação, mas a paz da compreensão, da vida, do êxtase. Isso precisamente é-lhes negado porque procuram algo que os ajude a fugir.

Assim para mim todo o propósito – se é que posso usar essa palavra sem que me interpretem mal – reside em destruir esta falsa máquina intelectual por meio da inteligência, isto é, da verdadeira consciência. Vocês podem compreender, ponham de parte a tradição, que se tornou um obstáculo; vocês podem compreender, ponham de parte Mestres, idéias, crenças. Mas não as destruam apenas para se dedicarem a novos Mestres, idéias, crenças; não me refiro a isso. Não devem apenas destruir, apenas pôr de lado; têm de ser criativos; e só podem ser criativos quando começarem a compreender os verdadeiros valores. Portanto questionem o significado das tradições e dos hábitos, da nacionalidade, da disciplina, dos gurus e dos Mestres. Só podem compreender quando estão plenamente conscientes, conscientes com todo o vosso ser. Quando dizem, “Estou à procura de Deus”, no fundo querem dizer, “Quero fugir, libertar-me.” Quando dizem, “Estou à procura da verdade, e uma organização poderá ajudar-me a encontrá-la”, estão apenas a procurar um refúgio. Não estou a ser duro; somente quero enfatizar e tornar claro o que estou a dizer. Cabe-lhes a vocês atuar.

Criamos obstáculos artificiais. Não são obstáculos reais, fundamentais; são artificiais. Criamo-los porque estamos à procura de algo, recompensas, seguranças, conforto, paz. Para obter segurança, para nos ajudar a evitar conflitos, temos que ter muitas ajudas, muitos apoios. E estas ajudas, estes

apoios, são a autodisciplina, os gurus, as crenças. Aprofundei isto mais ou menos amplamente. Agora, quando eu estiver a falar sobre estas coisas, por favor não pensem em termos de opostos, porque, então não compreenderão. Quando eu digo que a autodisciplina é um obstáculo, não pensem que por isso não têm que ter nenhuma disciplina. Quero mostrar-lhes a causa da autodisciplina. Quando a compreenderem, não haverá nem esta disciplina auto-imposta nem o seu oposto, mas haverá verdadeira inteligência. Para nos apercebermos daquilo que queremos – o que é fundamentalmente falso porque se baseia na idéia do oposto como substituição – criamos meios artificiais, tais como a auto-disciplina, a crença, a orientação. Sem uma tal crença, sem uma tal autoridade, que é um obstáculo, sentimo-nos perdidos; tornamo-nos assim escravos e somos explorados.

Um homem que vive pela crença não está a viver verdadeiramente; é limitado nas suas ações. Mas o homem que, porque compreende, está realmente livre da crença e da carga do conhecimento, para ele há êxtase, para ele há verdade. Tenham cuidado com o homem que diz “Eu sei”, porque ele só pode conhecer o estático, o limitado, jamais o vivo, o infinito. O homem só pode dizer “Há”, o que nada tem a ver com o conhecimento. A verdade está sempre a devir; é imortal; é vida eterna.

Temos estes obstáculos, estes obstáculos artificiais, baseados na imitação, na aquisitividade que geram o nacionalismo, a autodisciplina, os gurus, os Mestres, os ideais, as crenças. A maior parte de nós está escravizada por um deles, consciente ou inconscientemente. Agora por favor acompanhem isto, caso contrário dirão “Está apenas a destruir e não a dar-nos quaisquer idéias construtivas.”

Nós criamos estes obstáculos; e só podemos libertar-nos deles tornando-nos conscientes deles, não através do processo da disciplina; não pela substituição, não pelo controlo, não pelo esquecimento, não através de seguir alguém, mas apenas tornando-nos conscientes de que são venenos. Sabem, quando vêem uma cobra venenosa no vosso quarto, estão totalmente consciente dela em todo o vosso ser. Mas estas coisas, disciplinas, crenças, substituições, vocês não as consideram como venenos. Elas tornaram-se simples hábitos, algumas vezes agradáveis e algumas vezes dolorosos, e vocês agüentam-nos desde que o prazer pese mais que a dor. Continuam deste modo até que a dor os inunde. Quando têm uma intensa dor física, o vosso único pensamento é livrarem-se dela. Não pensam no passado nem no futuro, na saúde passada, no tempo em que já não terão qualquer dor. Estão apenas interessados em livrar-se da dor. Do mesmo modo têm que se tornar plena e intensamente conscientes de todos estes obstáculos, e só o podem fazer quando estão em conflito, quando já não estão a fugir, quando já não estão a escolher substituições. Toda a escolha é meramente substituição. Se se tornarem plenamente conscientes de um obstáculo, seja ele um guru, uma memória, ou a consciência de classes, essa consciência revelará o criador de todos os obstáculos, o criador das ilusões, que é a autoconsciência, o ego. Quando a mente desperta inteligentemente para esse criador, que é a autoconsciência, então nessa consciência o criador das ilusões dissolve-se. Tentem-no e verão o que acontece.

Não estou a dizer que isto seja um incentivo para tentarem. Não tentem com o propósito de se tornarem felizes. Só o tentarão se estiverem em conflito. Mas

como a maior parte de vocês tem muitos refúgios em que se reconfortam, cessaram completamente de estar em conflito. Têm explicações para todos os conflitos – tanta poeira e cinzas – e estas explicações apaziguaram o vosso conflito. Talvez haja um ou dois de entre vocês que não se satisfaçam com explicações, que não se satisfaçam com cinzas, seja com as cinzas mortas de ontem, ou com as cinzas futuras das crenças, da esperança.

Se estiverem realmente aprisionados no conflito descobrirão o êxtase da vida, mas tem que haver consciência inteligente. Isto é, se eu lhes disser que a autodisciplina é um obstáculo, não rejeitem ou aceitem imediatamente a minha declaração. Descubram se a vossa mente está aprisionada na imitação, se a vossa autodisciplina se baseia na memória que é uma fuga do presente. Vocês dizem “Não devo fazer isto” e dessa proibição auto-imposta cresce a limitação; portanto a autodisciplina baseia-se na imitação, no medo. Onde há imitação não pode haver a realização da inteligência. Descubram se são imitativos; experimentem. E só podem experimentar na própria ação. Estas não são meras palavras; se refletirem sobre isso, verão. Não podem compreender depois da ação ter tido lugar, o que seria auto-análise, mas apenas no momento da própria ação. Só podem estar completamente conscientes na ação. Não digam “Não devo ter consciência de classes”, mas tornem-se conscientes para descobrir se têm preconceito de classes. Essa descoberta na ação criará conflito, e esse mesmo conflito libertará a mente da consciência de classes, sem que vocês tentem superá-la.

Portanto a própria ação destrói as ilusões, não a disciplina auto-imposta. Gostaria que refletissem sobre isto e agissem; veriam então o que tudo isto significa. Abre imensas avenidas para a mente e para o coração para que o homem possa viver em plenitude sem procurar uma finalidade, um resultado; o homem pode agir sem um motivo. Mas só podem viver completamente quando tiverem percepção direta, e a percepção direta não se alcança através da escolha, através do esforço nascido da memória. Ela reside na chama da consciência, que é a harmonia de mente e coração na ação. Quando a vossa mente estiver liberta das religiões, dos gurus, dos sistemas, da aquisitividade, só então pode haver completude de ação, só então é que a mente e o coração seguem as velozes deambulações da verdade.